

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA

MARTINHO DE SOUZA RÊGO

**A FORMAÇÃO TÉCNICA EM AGROPECUÁRIA NA MODALIDADE EJA NO
COLÉGIO AGRÍCOLA DE TERESINA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO**



TERESINA – PI
2013

MARTINHO DE SOUZA RÊGO

**A FORMAÇÃO TÉCNICA EM AGROPECUÁRIA NA MODALIDADE EJA NO
COLÉGIO AGRÍCOLA DE TERESINA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação “Professor Mariano da Silva Neto”, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, área de concentração-Ensino, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Soares
Barbosa Lima

TERESINA – PI
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

R343f Rêgo, Martinho de Souza.

A formação técnica em agropecuária na modalidade EJA no colégio agrícola de Teresina e a inserção no mercado de trabalho [manuscrito] / Martinho de Souza Rego. – 2013.

111 f.

Cópia de computador (*printout*).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima”.

MARTINHO DE SOUZA RÊGO

**A FORMAÇÃO TÉCNICA EM AGROPECUÁRIA NA MODALIDADE EJA NO
COLÉGIO AGRÍCOLA DE TERESINA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO**

Teresina, 22 / 02 / 2013

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima
Orientadora/Presidente

Profa. Dra. Maria da Glória Carvalho Moura – UFP I - PPGED
Examinadora Interna

Profa. Dra. Maria do Carmo de Sousa Batista – UFP I - CCA
Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, por me amparar nos momentos difíceis, me dar força interior para superar os obstáculos, estar no leme para mostrar os caminhos nas horas incertas e pela graça de ter permitido concluí-lo.

Em especial, dedico-o a minha família, esposa, filhos, que, com muito carinho e apoio não mediram esforços para que eu chegasse a esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima, por ter me acolhido como seu orientando, pelo exemplo de sua conduta pessoal e profissional e pela paciência de ouvir minhas inquietações no sentido de ordenar as ideias para conclusão deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Colégio Agrícola de Teresina, em especial aos amigos, Francisco de Assis Sinimbú Neto, Jossivaldo de Carvalho Pacheco, José Bento Carvalho Reis e Maria Rita Barbosa de Sousa, pelo apoio, colaboração, incentivo e estímulo.

A todos os colegas da Pós-Graduação, pelo convívio prazeroso e edificante e pelos aprendizados acadêmico-científicos.

A todos os professores PPGEd-UFPI, pelo apoio, convívio, aprendizado e contribuições relevantes para condução e conclusão desse trabalho.

A todos os egressos da primeira turma do Curso Técnico em Agropecuária na Modalidade EJA, pela colaboração, participação e contribuição na obtenção dos dados deste estudo.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, colaboraram na realização desse trabalho.

Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente estudo é o resultado de uma pesquisa sobre a implantação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, enquanto uma política pública que visa ao alcance de uma franca participação social e educacional de jovens e adultos que precisam inserir-se no mundo do trabalho, seja por razões educativas, seja numa perspectiva de inclusão e de justiça social. Analisa a perspectiva profissional dos egressos da primeira turma do curso Técnico em Agropecuária integrada ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Colégio Agrícola de Teresina (CAT). Questiona: em que medida a formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA, oferecida pelo Colégio Agrícola de Teresina (CAT), proporciona as competências necessárias para viabilizar a inserção de seus egressos no mundo do trabalho, bem como sua efetiva inclusão e participação no meio sociocultural em que habitam? A metodologia utilizada fundamenta-se na pesquisa qualitativa adotando como aspectos teórico-metodológicos de sustentação e orientação considerações sobre prática pedagógica e formação técnico-profissional, à luz de referenciais fundamentados em: Barone (2008), Oliveira (2007), Castelo Branco (2010), Saviani (2006), Brito (2003), Behrens (2005), Minayo (2007), e outros. O lócus de seu desenvolvimento foi o Colégio Agrícola de Teresina, especialmente uma turma de Técnico em Agropecuária na modalidade EJA oferecida em 2007, tomando como sujeitos, todos os alunos da referida turma, egressos do CAT. Os dados foram coletados por meio de consultas documentais e de entrevistas orais semiestruturadas, organizados em três eixos categoriais e subeixos como forma de orientar a análise interpretativa dos referidos dados. Assim os resultados estão expressos em dados qualitativos, tendo como técnica a análise de conteúdo. O estudo mostra que o alunado do PROEJA teve como motivação para realizar o curso a possibilidade de ascensão profissional e econômica. Este proporcionou uma ampliação tanto dos conhecimentos gerais como dos conhecimentos técnicos, sendo considerado pelos egressos como um ponto bastante positivo para a vida pessoal e profissional, se apresentando como opção para os investigados conseguir emprego, apesar de apenas metade dos egressos estarem inseridos no mercado de trabalho. Com relação à empregabilidade, destaca-se a escassez de oportunidades oferecidas tanto pelo sistema público quanto pelo privado para o técnico agrícola. O estudo demandou, entre as suas principais constatações, a eficácia de uma educação profissional integrada destinada a jovens e adultos que, em linhas gerais, possibilitou a essa população o ingresso e a permanência no mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Formação Técnica Profissional. Educação de Jovens e Adultos. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This study refers to research conducted by the Graduate Program in Education - PPGEd Federal University of Piauí - UFPI, under the following title: Technical training in agriculture at the Agricultural College EJA mode and insertion in the labor market. Investigate the National Programme for Integration of Professional Education to Basic Education in the form of Youth and Adults - PROEJA as a public policy that aims to reach a frank social participation and education of youth and adults who need to insert themselves in the world of work, whether for educational reasons, is a perspective of inclusion and social justice. Establishes as an object of study in technical training in agriculture EJA mode and insertion in the labor market and questions: to what extent this training, offered by the College of Agricultural Teresina, provides the necessary skills to enable graduates to enter the world of work as well as their effective inclusion and participation in the socio - cultural environment in which they live? Adopts as a theoretical-methodological support and guidance considerations about teaching practice and technical and professional training, in light of benchmarks based on: Barone (2008), Oliveira (2007), Castelo Branco (2010), Saviani (2006), Brito (2003), Behrens (2005), Minayo (2007) and others. The locus of its development was the Agricultural College of Teresina, taking as its subject all students in a class of Technical Agriculture in the modality EJA, offered in 2007, which today are graduates of CAT. Employs to produce a consultation document data and semistructured interviews orally. His analytical framework is developed under the guidance of the technique of content analysis, focusing on the message, the utterances of speech and information. Points between its main conclusions of the student body PROEJA, interlocutors of the study mentions that the course provided a broadening of general knowledge with technical knowledge; reveals that his interest in taking the course represented a form of career advancement and economic; This provided an expansion of both the general knowledge and the expertise, being considered by graduates as a very positive point for both personal and professional, performing investigated as an option for getting a job, although only half of the graduates were entered into the market job. With respect to employment, there is a shortage of opportunities offered by both the public and private system for the agricultural technician. The study demanded, among its key findings, the effectiveness of an integrated professional education for youth and adults, in general, enabled this population to enter and remain in the labor market.

Keywords: Technical Training Professional. Education for Youth and Adults. Teaching Practice.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAT	- Colégio Agrícola de Teresina
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	- Centro Federal de Educação Tecnológica
DEM	- Diretoria de Ensino Agrícola
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
FAPEPI	- Fundação de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão do Piauí
IFPI	- Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí
MEC	- Ministério da Educação
PIBIC	- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PPGE	- Programa de Pós-Graduação em Educação
PROEJA	- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SEMEC	- Secretaria Municipal de Educação de Teresina
SDR	- Secretaria de Desenvolvimento Rural do Município de Teresina
UFPI	- Universidade Federal do Piauí

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

FOTO 1 - Aula inaugural do PROEJA-----	29
FOTO 2 - Aula inaugural do PROEJA-----	29
FOTO 3 - Aula inaugural da 1ª turma do Curso Ginásial Agrícola-----	33
FOTO 4 - Aula inaugural da 1ª turma do Curso Ginásial Agrícola do CAT-----	34
FOTO 5 - Fachada do prédio principal do CAT – UFPI-----	40
PAINEL FOTOGRÁFICO 1 - Colégio Agrícola: estrutura física -----	41
PAINEL FOTOGRÁFICO 2 - Colégio Agrícola: zootécnica e fitotecnia -----	42

FIGURAS

FIGURA 1 - Eixos e subeixos categoriais de análise -----	53
FIGURA 2 - Eixo Categorical I -----	55
FIGURA 3 - Eixo Categorical II -----	63
FIGURA 4 - Eixo Categorical III -----	77
FIGURA 5 - Quantitativo de egressos do Curso Técnico em Agropecuária atuando no mercado de trabalho -----	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - DISCUSSÕES TEÓRICAS: fundamentação do estudo	18
1.1 Prática pedagógica e sua dimensionalidade	19
1.2 Formação técnica: aspecto social, formativo e econômico	22
1.3 PROEJA: aspecto legal e implantação no CAT	26
1.4 Colégio Agrícola de Teresina: contextualização histórica	30
CAPÍTULO II - O ITINERÁRIO DA PESQUISA: pressupostos metodológicos	37
2.1 O estudo e sua caracterização	38
2.2 O lócus da pesquisa	39
2.3 Os sujeitos do estudo e sua caracterização	44
2.4 A produção de dados	45
2.5 A organização e análise interpretativa dos dados	47
CAPÍTULO III - REVENDO E RELENDO OS DADOS: um empreendimento analítico	50
3.1 Leitura de dados: organização, categorização e análise	51
3.2 Analisando o Eixo Categorical I	55
3.2.1 Motivação para a escolha	55
3.2.2 Benefícios pessoais e formativos	59
3.3 Analisando o Eixo Categorical II	63
3.3.1 Formação Geral	63
3.3.2 Saberes técnico-profissionais	67
3.4 Analisando o Eixo Categorical III	77
3.4.1 Ingressos no mercado de trabalho	78
3.4.2 A prática profissional do técnico em agropecuária	82

APORTE CONCLUSIVO	87
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE (S)	99
APÊNDICE A - Instrumento de Pesquisa	100
APÊNDICE B - Instrumento de Análise	101
ANEXO (S)	107
ANEXO A - Autorização da Instituição	108
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	109

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

A pesquisa científica como modo de produção do conhecimento necessita de informação e ambiciona a reconstrução do conhecimento, a partir de uma perspectiva integradora e humanizante (Délia Enricone).

A formação humana representa um projeto social, cultural e educacional que sempre esteve em pauta, isto é, sempre foi (e continua sendo) uma preocupação familiar, comunitária ou institucional. Assim, a busca por um formato educacional que atente para a formação do homem e que, ao mesmo tempo, o prepare para o mercado de trabalho tem sido historicamente o centro de uma discussão que tem se alargado no seio social e educacional, com avanços e recuos de proposições políticas mais efetivas, criando instabilidade entre crianças, jovens e adultos na sua fase inicial de estudo, o que nesta proposta de estudo, chamamos de exclusão social, mas produzindo em outros momentos, como o atual, o realinhamento dessa formação e sua efetivação.

A questão da formação nos mais diversos níveis: médio, superior e pós-graduado, tem se evidenciado na contemporaneidade como um projeto social, uma política pública, visto que o estudo continuado e reiterado diferencia as pessoas, diferencia as nações, é motivo de crescimento pessoal e institucional. É como diz Imbernón (2009), ao tratar sobre formação docente e profissional, que as pessoas devem formar-se para a mudança e para a incerteza.

No Brasil, por exemplo, a formação profissional, segundo comenta Casseb (2009), vivenciou dois momentos diferenciados: o primeiro momento, voltado para o ensino técnico, como preparação para o mercado de trabalho, formando a elite para ocupação de cargos privados e públicos e o segundo momento que ressalta a problemática social, objetivando a formação de pessoas “desfavorecidas” marginalizadas social e educacionalmente, que necessitam de uma ocupação e ofício.

Uma das estratégias utilizadas em relação à educação profissional no Brasil têm sido a implantação e a ampliação da abrangência transformadora do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de

Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, por meio do desenvolvimento de uma política pública de integração prevista no Decreto nº 5.840/2006. Neste contexto, torna-se indispensável criar condições materiais e culturais capazes de responder, em curto espaço de tempo, ao desafio histórico de consolidação das bases para um projeto societário de caráter mais ético e humano.

Implica dizer, por conseguinte, que o elemento norteador das práticas educativas do PROEJA encontra-se ligado à busca de uma democratização do acesso ao Ensino Técnico articulado à Educação Básica, tendo como público alvo educandos jovens e adultos que não tiveram acesso à escolaridade conforme assegurada por lei ou que, porventura, nela não foram exitosos (BRASIL, 2007).

A perspectiva da inclusão é, assim, uma inovação e tem ocupado espaço considerável nos atuais debates políticos educacionais em todo o país, e neles estão presentes alunos com déficit de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos graves, relativos ao ensino regular, ou seja, tanto os portadores de necessidades especiais, como os que têm dificuldade em suas trajetórias escolares.

Desta forma, dentre as suas focalizações, este estudo discorre sobre conceitos e fundamentos do PROEJA, relacionados à perspectiva profissional dos egressos da primeira turma do curso Técnico em Agropecuária, integrado ao ensino médio, na modalidade EJA do Colégio Agrícola de Teresina – CAT.

Diante desse cenário, questiona-se: Em termos profissionais, como se encontram, atualmente, os alunos egressos da primeira turma do Curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA do CAT? Estão inseridos no mercado de trabalho? Houve (há) dificuldades quanto a essa inserção? Qual (is)? O que representa o curso na vida profissional desses egressos?

Essas e outras questões nos conduziram a seguir pelo recorte da formação técnica e da inserção no mercado de trabalho. Primeiro porque entendemos a importância do estudo para nossa instituição, o CAT e, segundo porque a intenção de investigar esta temática relaciona-se diretamente a nossa experiência como docente há mais de 30 anos no CAT, exercendo também algumas funções administrativas tais como: supervisor pedagógico, coordenador administrativo e diretor, participando efetivamente das inúmeras discussões internas da referida instituição, inclusive da implantação do PROEJA, oportunidade em que nos envolvemos diretamente com os alunos e com a causa em si mesma. Este foi, na verdade, um dos fatores que nos impulsionou a desenvolver pesquisa no âmbito

desta temática, diante do interesse em buscar respostas para os questionamentos levantados.

Assim, entendemos ser importante colocar sob análise as perspectivas profissionais destes alunos egressos, tendo como foco a necessidade de compreender como ocorreu (e se ocorreu) sua inserção profissional no campo do trabalho, na perspectiva de que os resultados do estudo possam sinalizar sobre a manutenção das ações que se encontram em curso ou sobre o realinhamento dessas ações, no que diz respeito à política pública de implementação e execução do PROEJA.

O PROEJA não é apenas um programa é uma política pública que visa ao alcance de uma franca participação social e educacional de jovens e adultos que precisam inserir-se no mundo do trabalho, seja por razões educativas, seja numa perspectiva de inclusão e de justiça social. Tendo em vista essa finalidade do PROEJA, interessou-nos investigar a Formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA, oferecida pelo CAT, sua contribuição com a inserção de seus egressos no mundo do trabalho, bem como seu efetivo papel no sentido da inclusão e participação no meio sociocultural em que habitam esses jovens e adultos formados no CAT.

Mediante o propósito de chegarmos à compreensão desse fenômeno é que optamos por desenvolver este estudo científico que, entre outras finalidades investiga, junto aos egressos do Curso Técnico em Agropecuária, se este curso, de fato, viabilizou a esses estudantes as competências necessárias para lhes assegurar acesso à vida profissional, isto é, ao mercado de trabalho.

Diante dessa problemática e em consonância com o objeto de estudo, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar a formação Técnica em Agropecuária, na modalidade EJA, no CAT e sua contribuição para inserção dos egressos ao mercado de trabalho. Como objetivos específicos busca: caracterizar a formação técnica em agropecuária na modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina; identificar o quantitativo de egressos que se encontram atuando no mercado de trabalho, ressaltando os possíveis desafios encontrados nessa inserção; e analisar aspectos relativos à formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA para a vida profissional dos egressos.

Tendo em vista aspectos expostos neste delineamento introdutório, acrescentamos que o referido estudo apresenta a seguinte estruturação: Introdução,

seguida dos capítulos e uma conclusão, como descritos nesta sequência:

O primeiro capítulo, denominado “Discussões Teóricas: fundamentação do estudo”, analisa a importância da prática pedagógica voltada para uma formação técnico-profissional e as suas vantagens para uma melhor aquisição, pelos alunos, de conhecimentos teóricos e práticos necessários à formação para o mercado de trabalho. Destaca, também, a criação e o papel do PROEJA, bem como sua implantação no CAT e a importância deste para o aprimoramento da qualificação profissional e para uma formação técnica, nas dimensões sociais, econômicas e formativas, de modo a permitir que jovens e adultos compreendam e transformem a realidade social em que se inserem. Finaliza contextualizando historicamente o CAT.

O segundo capítulo, designado “O Itinerário da Pesquisa: pressupostos metodológicos”, apresenta as questões metodológicas da pesquisa, explicitando, a partir da abordagem qualitativa, a caracterização do estudo, o lócus da pesquisa, os sujeitos e os critérios de inclusão desses sujeitos, os instrumentos de produção de dados, a organização e os procedimentos de análise dos dados, destacando padrões, temas e conceitos.

O terceiro capítulo, nomeado “Revedo e Relendo os Dados: um empreendimento analítico,” apresenta os dados coletados pelas entrevistas semiestruturadas realizadas com os egressos do curso, assim como desenvolve o traçado analítico estabelecendo uma relação com os objetivos e com as questões que norteiam esta pesquisa. Dessa forma, o capítulo foi estruturado a partir de eixos categoriais de análise, processados em três dimensões: categorias teóricas, categorias empíricas e categorias semânticas, que favoreceram realizar as análises com mais detalhes e com maior segurança no olhar descritivo–interpretativo.

O fechamento do estudo, intitulado “Aporte Conclusivo” integra as principais constatações e conclusões a que chegou a investigação, ressaltando, sobremaneira, os desafios impostos no decurso da formação e pelejas por inserção no mercado de trabalho, colocando em realce a necessidade de uma formação técnico-profissional que vise, sobremaneira, à empregabilidade.

CAPÍTULO I
DISCUSSÕES TEÓRICAS: FUNDAMENTAÇÃO DO
ESTUDO



CAPÍTULO I

DISCUSSÕES TEÓRICAS: FUNDAMENTAÇÃO DO ESTUDO

A formação de qualquer profissional pressupõe envolvimento com as questões próprias da profissão. Um dos aspectos importantes para o conhecimento de um projeto de formação de professores é procurar saber se (e como) o curso propicia o vínculo dos alunos com a profissão, a identificação profissional (Valter Guimarães).

O presente capítulo desenvolve-se em torno do referencial teórico que dá sustentação ao estudo. Nessa perspectiva engloba conceptualização e discussões sobre prática pedagógica e sua dimensionalidade, envolvendo o professor e seu comprometimento com essa prática.

Na mesma dimensão, contém pontuações teóricas sobre formação técnica, nas dimensões sociais, econômicas e formativas; bem como do PROEJA, evidenciando-se como uma política pública destinada ao público jovem e adulto, mediante um propósito curricular inovador e desafiador no campo técnico-profissional e sua implantação no CAT, ou seja, contém pontuações que retratam o CAT em seus aspectos sociais, econômicos e educacionais, notadamente no que concerne a sua institucionalização e a sua implementação no Piauí, na cidade de Teresina.

1.1 Prática pedagógica e sua dimensionalidade

O compromisso social da educação, dada sua importância e sua dimensionalidade, requer, na atualidade, um professor reflexivo, um docente pesquisador, o que implica dizer, um professor comprometido com sua prática docente, pois só assim poderá responder às necessidades formativas da comunidade escolar.

No caso do CAT há que se considerar essa prática pedagógica na interface com o componente profissional que, na verdade, é o foco central da educação promovida pelo CAT, tendo em vista garantir aos estudantes uma competência

formal escolar, aliada a uma competência profissional compatível com as necessidades que tem esse alunado para inserir-se ao mercado de trabalho.

Desse modo, uma prática pedagógica articulada à formação profissional supõe levar em conta a aquisição, pelos alunos, de uma competência que inclua conhecimentos teóricos e práticos necessários a sua formação para o trabalho, sem omitir a "competência política intimamente imbricada com as questões de cidadania [...]", como refere Brito (2003, p. 19), de modo que esse alunado, ao concluir seu curso profissionalizante, esteja capacitado a atuar no mercado de trabalho de maneira consciente, de maneira crítica, dominando conhecimentos e habilidades necessários a prática profissional de sua área específica.

Trata-se de uma prática pedagógica a partir de uma visão que inclui o coletivo da instituição educativa, os sujeitos e a própria prática docente, tomada, pois, como práxis pedagógica em razão de sua dimensionalidade e complexidade, como realçam Batista Neto e Santiago (2009, p. 23), apoiados em estudo do professor/pesquisador João Francisco de Souza:

A formação de quaisquer pessoas ou profissionais, inclusive da educação, não resulta de uma prática docente, mas de uma práxis pedagógica não apenas de uma instituição, mas de várias. Uma professora ou um professor não se forma por meio da prática de um docente, ainda que um ou outro possa ter sido decisivo nesse processo. A formação de um professor também não provém da ação, ainda que conjunta, de docentes da Educação Superior, mas da práxis pedagógica de várias instituições formadoras e de muitas outras experiências formativas que vai vivendo ao longo da vida e de seus ambientes culturais.

A visão teórica que sustenta a compreensão de prática pedagógica como empreendida nesta proposta de estudo argumenta que a atuação do professor formador exige um componente prático-reflexivo fundamentado em conhecimento, saberes, advindos de estudos e pesquisas, que confere a essa prática a capacidade de percepção, interpretação e produção de saberes necessários à ressignificação da ação pedagógica e, na mesma dimensão, necessários a uma competente formação técnico-profissional que instrua e capacite para o mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, falamos de prática pedagógica como um componente formativo que se desenvolve ao longo do curso, promovendo uma necessária articulação com as diferentes demandas inerentes à formação técnico-profissional.

Trata-se de uma prática que se fundamenta na ação e na reflexão de forma articulada e interdisciplinar, como referem Behrens (2005) e Morin (2002).

A formação técnica-profissional, por seu turno, é apontada como variável fundamental para dar conta das mudanças notadas em relação ao avanço e à implementação das modernas tecnologias, e também como mecanismo fundamental para fazer frente às mudanças desencadeadas pela ampliação do setor de serviços. Uma das respostas a esse contexto em mudança refere-se à elevação do nível educacional e aos investimentos na qualificação e aumento da competência dos trabalhadores (BARONE, 2008).

Os debates atuais sobre o tema enfatizam a necessidade de que os sistemas de educação orientem seus programas e conteúdos para a oferta das habilidades e especializações exigidas pelo mercado de trabalho, contribuindo assim, para a produção de uma força de trabalho que responda com mais rapidez e adaptabilidade aos novos requerimentos (BARONE, 2008).

Desta forma, deve-se estabelecer um vínculo mais orgânico entre a universalização da educação básica e a formação técnico-profissional, mas para que tal fato se concretize é necessário que se resgate a educação básica (fundamental e média), na sua concepção unitária e politécnica. Portanto, uma educação não-dualista, que articule cultura, conhecimento, tecnologia e trabalho como direito de todos e condição de cidadania e democracia efetivas. Saviani (2006, p. 14), assim destaca:

[...] se no ensino fundamental a relação é implícita e indireta, no ensino médio a relação entre educação e trabalho, entre o conhecimento e a atividade prática deverá ser tratada de maneira explícita e direta. O saber tem uma autonomia relativa em relação ao processo de trabalho do qual se origina. O papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho.

Nesse sentido, um modelo educativo não substitui outro, ou seja, a formação profissional não substitui a educação geral, devendo existir as duas ao mesmo tempo, posto que a primeira está voltada para aquisição de funções econômicas, relacionadas diretamente com as necessidades dos setores produtivos, enquanto a segunda está voltada para questões da cultura, para a aquisição de valores culturais e conhecimentos que habilitem os alunos para a cidadania.

1.2 Formação técnica: aspecto social, formativo e econômico

O termo formação com o qual fundamentamos nesse discurso teórico inscreve-se nos parâmetros do paradigma do inacabamento, portanto remete à compreensão de um desenvolvimento contínuo e continuado de formação de jovens e adultos, professores e de outros profissionais de distintas áreas nos quais as pessoas se formam.

A formação técnica no Brasil surgiu juntamente com a industrialização do país no século XX exigindo uma força de trabalho que fosse intermediária, ou seja, entre a concepção e a execução. Nesse período surgiram muitas escolas técnicas para suprir a demanda da indústria por mão de obra especializada.

Esta nova realidade requisitou mudanças do sistema educacional, principalmente na formação técnico-profissional, tanto no plano organizativo, quanto no político-pedagógico. Desde os anos 30 tem-se debatido sobre a formação técnico-profissional, como se ajustar à nova sociedade brasileira globalizada e mais competitiva. Esse ajuste pede uma educação e uma formação profissional que deem um suporte a um novo trabalhador, mais flexível, polivalente e orientado para a competitividade. Cabe à escola e aos centros de formação profissional, nessa perspectiva, desenvolverem um banco variado de competências e de habilidades gerais para esse novo profissional. Diante, portanto, das mudanças no mundo do trabalho, da crise estrutural do emprego, já não se pensa em formar para o posto de trabalho, mas para a empregabilidade.

No final da década de 1960 o Brasil passou por várias reformas administrativas, uma das quais legitimou, pelo decreto n. 200/67, que o Ministério da Cultura e Educação (MEC) seria o órgão responsável pelo ensino agrícola, através da Diretoria de Ensino Agrícola (DEM). A partir daí foi implantado o sistema escola-fazenda, que se baseou no princípio “aprender a fazer” e “fazer para aprender”, como ressalta Moll (2010, p. 224):

Tal sistema tinha por objetivo proporcionar condições para a efetividade do processo ensino/produção, bem como patrocinar vivência da realidade social e econômica da comunidade rural, fazendo do trabalho um elemento integrante do processo de ensino-aprendizagem, visando conciliar educação-trabalho e produção.

A partir de então surgiu o ensino agrícola no Brasil com objetivo de conter a migração rural urbana em função da industrialização e como forma de obter mão de obra mais barata para as indústrias da época. Com a modernização das indústrias, a agricultura também se atualizou, adquirindo novas máquinas e técnicas que suprissem a demanda do mercado, o que aumentou a especialização da mão de obra para que se operassem e se conhecessem os novos meios de produção. Nesse contexto, surgiram as escolas agrotécnicas federais (MOLL, 2010, p. 223).

Com a elevação do padrão técnico de produção ocorrido a partir da década de 1960, o sistema de produção ficou complexo, necessitando de um aporte maior no condicionamento técnico. Ocorreu a necessidade de se aumentar a produtividade do integrado, o que requereu a adoção de novas tecnologias na produção agropecuária. É nesse contexto que surgem as escolas agrotécnicas federais. Nesse sentido é que se diz que o ensino técnico veio se desenvolver de acordo com a evolução da economia, com o propósito de formar trabalhadores mais qualificados para as necessidades da produção capitalista.

No governo de Juscelino Kubistchek (JK), houve a crescente participação das indústrias multinacionais no país, consolidando cada vez mais o capitalismo e o progresso técnico. A industrialização proporcionou uma mudança na composição social, fazendo com que as classes sociais buscassem mais conhecimentos para se adequarem a esse novo modelo econômico-social, e vinculando-se às atividades urbano-industriais propriamente ditas. Assim, a educação profissionalizante simbolizou a aceleração da qualidade da mão-de-obra, tornando-se um instrumento promotor de força de trabalho necessário ao desenvolvimento econômico.

Na década de 1980 o Brasil decidiu pelo desenvolvimento econômico sustentado, significando o crescimento econômico vinculado ao desenvolvimento social. Assim, a formação técnica se dividiu em três atuações: a industrial, voltada a qualificação de mão-de-obra exigida pelos mercados de trabalho, de acordo com suas especificidades técnicas; a do desenvolvimento tecnológico, onde a atribuição do ensino técnico era de expandir, adaptar e assistir às indústrias no uso de tecnologia; e a social, que tinha por meta suscitar a valorização do técnico através da qualidade de seu processo de formação e de inserção de seus egressos no mercado de trabalho, como técnico.

A formação técnica na década de 90 se estabeleceu, pois surgiu como modelo de organização da sociedade, onde o indivíduo deve aprender a aprender,

ser autoqualificado, responsável, participativo, atento às inovações do processo produtivo, criativo e apto a impulsionar a produtividade. Dessa forma o ensino técnico se tornou de suma importância contribuindo diretamente com as funções políticas e econômicas do país.

A formação técnica profissional, na atualidade, vem ganhando espaço no meio social e educacional pela oferta variada de cursos, seja na rede pública ou privada, e pelo reconhecimento social e, principalmente, porque tem se mostrado como efetivo caminho para ingresso no mercado de trabalho, seja pela ênfase em relação à formação para a cidadania, seja pela consideração em relação as mudanças existentes, exigidas pelo mundo do trabalho, exigindo do aluno um aporte de saberes específicos e não específicos que os levem a perceberes as mudanças exigidas por esses novos tempos, assim como as levem a operar de forma consciente as transformações e mudanças requeridas pela realidade social vigente.

Um exemplo patente do que se afirma é que cursos profissionais como: Técnico em Agropecuária, Enfermagem, Informática, e outros, são verdadeiros espaços para que os egressos desses cursos iniciem sua vida profissional ressaltando-se também, em relação ao curso em agropecuária, o possível incremento na produção industrial e agrícola.

Nessa perspectiva, o ensino técnico é direcionado a preparar o discente para o mercado de trabalho. Os cursos nessa modalidade desenvolvem-se por meio de aulas práticas associadas a conhecimentos teóricos específicos, de modo a capacitar os alunos para a atuação profissional. O aluno que opta pelo ensino técnico cursa o integrado ou em concomitância o ensino médio, este último pode ter cursado anteriormente, pois o principal objetivo da formação técnica é equilibrar e fortalecer o âmbito profissional pelas capacidades técnicas e intelectuais dos alunos.

O fato é que, o modelo econômico vigente, associado aos avanços tecnológicos, implica em novos desafios relacionados às expectativas das organizações. Com isso, vive-se diante de uma crescente demanda por profissionais qualificados, fazendo com que as exigências aumentem em relação ao desempenho desses profissionais, o que gera novas vagas no mundo do trabalho.

No bojo dessas transformações a educação se apresenta como contrapartida necessária/indispensável, com a oferta de cursos que beneficiem a perspectiva de melhoria de vida e auxiliem o acesso de jovens e adultos no mundo do trabalho, fazendo com que o cidadão caminhe em busca de aprimoramento e de

novos conhecimentos, atendendo, assim, os reclames da sociedade contemporânea e do próprio mercado empregador.

Diante da constante exigência de profissionais mais preparados para a conquista de um emprego, o ensino profissionalizante tem se apresentado como ótima alternativa, pois com uma gama diversificada de cursos presente no Brasil, optar pelos estudos tecnicista, profissionalizante, a rigor tem sido bem sucedido quanto ao ingresso no mundo do trabalho nos mais diversos lugares do país posto que a educação técnica é vista como um fator estratégico de desenvolvimento e competitividade humana na economia.

Em resposta aos desafios relacionados à qualificação e profissionalização no que diz respeito aos cursos técnicos, sendo um dos principais desafios o de tornar a educação profissional mais íntegra e intensa, o governo federal, através de diretrizes e ações, tem oferecido um cenário de oportunidades que demonstram uma política pública comprometida com as necessidades do meio social. Nesse sentido, a profissionalização vem como um meio de atender as necessidades da sociedade estudantil, garantindo a esse contingente o direito à educação e ao trabalho qualificado.

A relação existente, ainda que indireta, entre os desafios e problemas atualmente enfrentados pela formação técnica e as transformações atuais nos setores de serviço e produção, são relacionados diretamente à economia de mercado e à crescente demanda por novas formas de aquisição de mão-de-obra, que possa suprir as necessidades vigentes no mundo do trabalho.

Logo, é visível a necessidade de que a formação tecnicista reproduza o universo do trabalho por meio dos processos das empresas empregadoras. Como aspecto favorável dessa afirmação tem-se o fato de que empresas e escolas devem se inter-relacionar, caso contrário, isto é, sem essa aproximação necessária da escola com os setores da produção, pode ocorrer que os sistemas da educação se desenvolvam com muita autonomia em relação à estrutura econômica vigente, desfavorecendo os profissionais formados pelas escolas, inviabilizando seu ingresso no campo do trabalho.

A educação técnica e profissional almejada é aquela que propõe seu desenvolvimento e implementação, delegando como meta uma formação profissional de qualidade, direcionada e relacionada ao mundo do trabalho com compreensão analítica e crítica da realidade, baseando-se no trabalho como

princípio educativo. A educação profissional de nível médio está fortemente vinculada e presente na rede pública do estado, não só pelas condições estruturais de que dispõe, mas também, por analisar as funções sociais e educativas que exerce, levando em consideração as necessidades e demandas da população trabalhadora.

1.3 PROEJA: aspecto legal e implantação no CAT

A história da nação brasileira, desde a colonização, nos remete ao entendimento do contínuo processo de exclusão social. Um exemplo dessa exclusão é o modelo de produção capitalista que se caracteriza por grandes níveis de desigualdades sociais e econômicas, excluindo, por conseguinte, boa parte da população, tanto em relação aos bens materiais quanto aos bens culturais. No campo da educação esse problema se manifesta através dos altos níveis de evasão escolar, devido às condições precárias das escolas públicas que em geral facultam o acesso dos alunos das classes populares a essa escola, mas, muitas vezes, não oferece condições materiais e educacionais para fazer com que esses alunos permaneçam na escola, ou seja, terminam abandonando os estudos, configurando um quadro que resulta na presença forte de jovens e adultos na modalidade EJA, que tardiamente buscam a escola.

Nesse sentido, cresce no Brasil, principalmente a partir do século XXI, a demanda por políticas educacionais que possibilitem a inclusão educacional desse grupo. Tendo em vista suprir essas lacunas na sua formação, bem como oferecer uma formação que viabilize suas necessidades sociais e laborais aos jovens e adultos, uma educação que promova sua efetiva profissionalização articulada a uma formação cultural que permita compreender e transformar a realidade social em que se encontram (PEREIRA, 2011).

Destaca-se, entre as iniciativas políticas, o PROEJA, pelo seu modelo inovador, por contemplar a integração curricular, por possibilitar uma formação básica articulada com a profissionalização; formato educacional que tem se mostrado bem mais atrativo para o público ao qual se destina: os jovens e adultos.

O PROEJA, criado pelo Decreto nº 5.480, de 13 de Junho de 2006, segundo Pereira (2002, p. 21):

Vem sendo destinado a essa parcela da população que não teve acesso à escolarização e, portanto, encontra-se a margem de um saber exigido por uma sociedade letrada, se constitui em uma ação que objetiva a possibilidade de se oferecer respostas a esse significado contingente da população que se encontra em um mercado de trabalho cada vez mais exigente, tendo em vista os avanços da ciência e da tecnologia que impõem novas posturas e saberes como exigência para ingresso no mundo do trabalho.

Nesse sentido, é compreensível que a escola tenha um papel fundamental neste processo de inclusão. Não é mais o estudante que tem que se ajustar aos padrões de “normalidade” para aprender, é a escola que tem o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus estudantes, compreendendo a educação como um direito humano fundamental para uma sociedade mais justa e solidária. A propósito destacamos do referido decreto, uma citação contida na apresentação do Documento Base, que assim define o PROEJA:

[...] uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social (BRASIL, 2007, p. 06).

Do ponto de vista político, é importante destacar na educação de jovens e adultos, o projeto político pedagógico que tem um papel fundamental na integração entre uma formação humana mais geral, uma formação para o Ensino Médio e para a formação profissional, buscando principalmente aprendizagens e competências que contribuam para formação de sujeitos autônomos com possibilidades de intervirem na construção de uma sociedade cidadã, na perspectiva, portanto, de eles mesmos, os alunos, se autonomizarem para melhor exercerem a sua cidadania.

No cenário educacional das escolas vinculadas à UFPI, o CAT foi o pioneiro na implantação, no ano de 2007, do PROEJA. Pode-se argumentar como elemento contribuinte para implantação deste programa, o fato de o Colégio possuir como identidade inicial da instituição a formação de Técnicos em Agropecuária, com uma estrutura propícia para a oferta desses cursos e a experiência de mais de um

quinquênio no trabalho com estudantes desejosos de desenvolver este perfil formativo.

Para implantação do PROEJA no CAT, preliminarmente, houve uma reunião, com a participação do Diretor, coordenador e professores, para a escolha do curso a ser oferecido na modalidade EJA. O que estava mais bem estruturado para dar início era o curso Técnico em Agropecuária. Posteriormente, nomeou-se uma comissão para realizar todo o estudo de planejamento para implantação, com destaque para o público alvo, visto que 95% do alunado do curso em agropecuária era de cidades interioranas e não da capital; no entanto, verificou-se a necessidade de ofertar vagas para um grupo muito grande que estava centrado nas grandes hortas comunitárias circunvizinhas à Teresina. A partir desse ponto, houve um convênio com a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do município de Teresina e com a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Teresina, a fim de se oferecer uma oportunidade de melhor qualificação para esses horticultores.

Foi realizado todo um planejamento para divulgação do curso destinado ao grupo alvo, através da Associação dos Horticultores do Grande Dirceu – área de abrangência de maior número de hortas comunitárias. Diante dessa finalidade foram realizadas reuniões para explicar o que era o CAT; o PROEJA, sua finalidade e importância para esse grupo. Com o apoio SDR e da SEMEC, houve entrevista e seleção dos alunos.

Dessa forma, pôde-se conhecer melhor a realidade do público em questão e assim dar oportunidade para que cursassem o ensino médio e o ensino técnico. Para facilitar a adesão dos alunos foi disponibilizado um ônibus para o deslocamento até a instituição de ensino, sendo que o CAT disponibilizou toda a infraestrutura de funcionamento, oportunidade em que ofereceu todas as refeições diárias para os candidatos, considerando que uma significativa parcela destes provinha de localidades afastadas da capital.

Neste contexto, o CAT ofereceu, no ano de 2007, a primeira turma de Técnico em Agropecuária na modalidade PROEJA em convênio com a Prefeitura Municipal de Teresina. No início do curso, foi realizada uma solenidade para abertura dos trabalhos, deixando uma marca na história da escola. Além dos alunos e seus parentes, estavam presentes na aula inaugural o Pró-Reitor de Extensão da UFPI, o Diretor do CAT e do Centro de Ciências Agrárias (CCA), coordenadores, professores e pessoas da comunidade, como ilustra os fotos que seguem.

FOTO 1 - Aula inaugural do PROEJA

Fonte: Acervo do CAT (Maio 2007).

Esta foto ilustra a solenidade de abertura do curso, que foi bastante prestigiada com as presenças de representantes de diversos setores da UFPI, como: Pró-Reitor de Extensão, Diretor do CCA, Diretor do CAT, representantes da Prefeitura Municipal de Teresina (SDR e SEMEC) e Coordenadores.

FOTO 2 - Aula inaugural do PROEJA

Fonte: Acervo do CAT (Maio 2007).

Nesta foto visualizamos estudantes selecionados para o Curso Técnico em Agropecuária e seus familiares e amigos. O destaque na foto aponta para o semblante de felicidade de um dos pais, cujo olhar demonstra um ar de felicidade, de orgulho paternal e, provavelmente de acreditação pela inclusão da família no espaço escolar, através do filho, ao prestigiar a solenidade de abertura do curso na modalidade EJA.

A articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio ocorreu de forma concomitante, os alunos frequentavam uma escola de ensino médio na rede municipal e em outro período cursavam as disciplinas do curso Técnico em Agropecuária no CAT. Este formato de educação escolar objetivava prepará-los para a cidadania, e inseri-los no mercado de trabalho.

A implantação desse Programa passou a ter importância por dois motivos a serem ressaltados: primeiramente, por trazer para a instituição a possibilidade de desenvolver o seu papel no oferecimento da qualificação profissional dos estudantes, atendendo aos anseios da sociedade nas necessidades econômicas e sociais, especialmente de inserção no quesito relativo ao espaço geográfico dos estudantes e; segundo, afora os aspectos mencionados, por oferecer aos estudantes a oportunidade de prosseguimento nos estudos, acessando a uma qualificação profissional.

1.4 Colégio Agrícola de Teresina: contextualização histórica

O Piauí provincial teve sua colonização baseada num modelo econômico de pecuária extensiva, com o advento das grandes plantações de açúcar e da agricultura familiar, modelo que, na verdade, não necessitava de uma mão-de-obra especializada, pois o gado bovino era criado em sistema extensivo, à solta, o plantio da cana de açúcar não necessitava de muitos cuidados e a agricultura familiar era passada de pai para filho, influenciando, então, a estruturação e a organização político-social vigente. Logo, seu processo educacional teve como influência o meio rural e suas práticas agrícolas.

Outros aspectos que valem ser mencionados dizem respeito à carência de professores especializados e à falta de recursos financeiros para manutenção das

escolas, constituindo-se um agravante para o processo educacional do estado. Sousa (2004, p. 91), a esse respeito, destaca:

A falta de pessoas habilitadas ao magistério não representou um fenômeno exclusivo ao Piauí, que tinha agravante de possuir sua economia baseada na pecuária, que não demandava formação de mão-de-obra por intermédio de escolas, somente a administração pública necessitava destes quadros. Não obstante, o ensino, com os conteúdos de leitura e escrita, e até de latim, pouco interessava a uma população de vaqueiros e homens da terra. O ensino, dissociado da realidade, não oferecia atrativos ao povo, que não sentia a necessidade de tais conhecimentos, assim, de maneira geral, o povo não se interessava muito em que seus filhos aprendessem a ler e a escrever [...].

Percebe-se que na sociedade piauiense dos séculos XVIII e XIX, o ensino não representava uma política pública, uma das razões por que não era considerado importante. A escola possuía pouco espaço no contexto organizativo social, até porque o mercado de trabalho não exigia o saber formal, mas sim a mão-de-obra que possuísse prática para as demandas do trabalho na pecuária (SOUSA, 2004).

Nesta historicização, partimos, então, da década de 1950, no governo de Getúlio Vargas, período em que o processo de industrialização no Brasil, proporcionou mudanças na composição social, fazendo com que as classes sociais buscassem mais conhecimentos a fim de se adequarem a esse novo modelo econômico-social, como forma de vincular-se às atividades urbano-industriais propriamente ditas. Esse fenômeno gerou certa pressão por parte da sociedade devido a ampliação do número de escolas, em decorrência da elevação do número de alunos, sobremaneira, pela necessidade de, com certa urgência, suprir a necessidade de uma mão-de-obra especializada como assim requeria a sociedade à época.

O fenômeno da industrialização, presente no Governo Vargas, teve forte influência nos novos métodos de mecanização agrícola no Piauí, abrindo espaço “[...] para a revitalização de um novo discurso agrário no Piauí [...]” (CASTELO BRANCO, 2010). Essa nova realidade viabilizou que fosse instalada, na capital piauiense, a Escola Agrotécnica de Teresina, fato ocorrido no ano de 1954. A criação dessa escola vinculava-se à proposta, ou melhor dizendo, foi fruto da política econômica do modelo de Vargas.

Assim, entre os anos de 1950 e 1964, a educação piauiense distribuía-se entre escolas primárias, escolas normais e escolas com caráter religioso católico e protestante, em vários municípios do Estado. Havia colégios em Parnaíba, escola normal em Oeiras, Floriano, este último, contava inclusive, uma Escola Normal Regional que atendia a todo o Sul do Piauí e parte do Maranhão e outra Escola Normal em São Raimundo Nonato, sendo que, no extremo Sul piauiense, na cidade de Corrente, funcionavam institutos educacionais – conhecidos por ginásios (CASTELO BRANCO, 2010)

À época, a discussão sobre educação no Brasil lutava pela priorização do ensino secundário que não existia para toda população brasileira. No Piauí, por exemplo, a educação do ensino secundário já se consolidava. Especificamente na década de 1950, havia uma dicotomia entre as escolas secundárias, sendo que uma era para atender a elite outra destinada às classes menos favorecidas, neste último caso, havia em Teresina a Escola Industrial, depois denominada CEFET, hoje IFPI, destinada aos jovens filhos de famílias menos abastadas (pobres). Era significativo o número de alunos que pretendia acessar a escola secundária e as instituições ainda eram insuficientes para atender a essa demanda.

Naquele período, enquanto outros estados nordestinos prosperavam na agricultura, avicultura e pecuária, os dirigentes do Piauí começaram a buscar formas de mudar a mentalidade agrícola retrógrada, que ainda era muito presente na realidade piauiense. Diante dessa nova mentalidade, surgiu a idéia de criação de um Colégio Agrícola.

Este propósito se efetivou com a instalação definitiva da Escola Agrotécnica de Teresina, ocorrido em 1964. Essa escola, entretanto, desde o lançamento de sua “pedra fundamental” até sua consolidação definitiva, passou por um processo que demorou, em média, 10 (dez) anos (1954-1964). Tratava-se de um projeto do Ministério da Agricultura, aprovado pela União e pelo Estado. O objetivo principal da Escola Agrotécnica era buscar um novo perfil de trabalhador rural que conciliasse conhecimento técnico com o conhecimento rudimentar próprio do camponês, no âmbito da agricultura.

Na mesma década mencionada, pelo Decreto nº 53558 de 13.02.1964, a Escola Agrotécnica recebeu nova denominação e passou a chamar-se Colégio Agrícola de Teresina - CAT. Funcionando primeiramente em sistema de internato e

externato, com oferta de turmas do Curso Ginásial Agrícola para formação de mestres agrícolas, como explica Castelo Branco (2010, p. 241-242):

A escola iniciou-se em 1964, funcionando em sistema de internato e externato. Foram ofertadas duas turmas de curso Ginásial Agrícola para a formação de mestres agrícolas. Assim, eram 80 vagas para uma concorrência de 200 candidatos, oriundos do interior do Estado, de Estados vizinhos e da capital.

O regime de internato era destinado aos alunos provenientes do interior que não tinham condições de voltarem para suas casas aos finais de suas atividades; dessa forma, permaneciam na escola durante a semana letiva, voltando somente nos finais de semana ou durante as férias. Este sistema permitiu que alunos carentes (pobres) provenientes do interior estudassem na escola, tanto é, que, mais de 90% dos alunos que iniciaram a primeira turma eram de cidades interioranas.

Outro fator importante é que os alunos, sob o regime de internato apresentavam melhores rendimentos escolares, devido algumas variáveis intraescolares: mais tempo reservado para estudos extraescolares e construção do conhecimento de forma coletiva. O aluno sob o regime de externato permanecia na escola somente durante suas atividades escolares, retornando à suas residências ao final do dia.

FOTO 3 - Aula inaugural da 1ª turma do Curso Ginásial Agrícola



Fonte: Acervo do CAT (1964).

Esta foto ilustra a aula inaugural que efetivou a abertura definitiva das atividades letivas no CAT, a que foi bastante prestigiada. Fizeram-se presentes o Cardeal Arcebispo Dom. Avelar Brandão Vilela, o Governador do estado do Piauí Petrônio Portela, o Diretor do CAT Carlos Estevam Pires Rebelo e demais autoridades convidadas para o evento.

FOTO 4 - Aula inaugural da 1ª turma do Curso Ginásial Agrícola do CAT



Fonte: Acervo CAT (1964).

Como ilustra a Foto 4, os alunos também marcaram presença durante a aula inaugural, assim como seus familiares e convidados, que também prestigiaram a abertura das atividades letivas.

O CAT foi instalado em um espaço privilegiado, às margens do Rio Poty, permitindo a implantação de áreas irrigadas, favorecendo o ensino de práticas agrícolas. Seu principal objetivo era favorecer a juventude rural, atraindo filhos de agricultores para essa formação técnica, possibilitando o conhecimento de novas técnicas ao homem do campo. De forma objetiva, o desenvolvimento da economia do Estado contava ponto a favor da construção dessa nova realidade agrícola.

Castelo Branco (2010), a esse respeito, destaca que nesse período a agricultura era de subsistência e nunca esteve presente como economia do Estado. O CAT então surgiu a fim de beneficiar uma classe social menos favorecida, através da aquisição de conhecimentos, por esse grupo, sobre agricultura, permitindo, assim, o almejado desenvolvimento econômico da região piauiense.

No ano de 1967, por meio do Decreto 60.731, de 19 de maio de 1967, publicado no Diário Oficial da União de 22.05.1967, do Presidente Costa e Silva, o CAT deixou de vincular-se ao Ministério da Agricultura e passou a integrar o então Ministério da Educação e Cultura - MEC, (BRASIL, 1967). Desta forma, a educação agrícola integrou-se ao Departamento de Ensino Médio (DEM) do MEC. Em 1969, foi implantado o Curso Técnico Agrícola favorecendo a abertura de cursos para o Ensino Médio. Castelo Branco (2010, p. 140), a esse respeito destaca:

Essas mudanças foram significativas para a estruturação do campo do ensino agrícola no Piauí. A possibilidade de ascender ao ensino superior, de certo modo, possibilitou uma valorização da carreira de técnico agrícola, que poderia, após o fim do nível médio, ampliar conhecimentos no curso de Agronomia.

A questão a que se refere os autos é que, na maioria das vezes, o aluno que concluía o curso de Técnico Agrícola, sentia-se motivado a dar continuidade aos estudos, buscando um aprofundamento dos conhecimentos na área por meio de sua inserção no Curso de Agronomia. O fato é que a implantação do Curso Técnico Agrícola foi fundamental para o ensino agrícola no Piauí, uma vez que contribuiu também para a valorização do profissional dessa área.

A partir de 1976, o CAT vinculou-se à Universidade Federal do Piauí (UFPI), pelo Decreto n. 78672 de 05.11.1976, tendo como objetivo formar técnicos em agropecuária com competência para atender as necessidades do setor primário na área agrícola e pecuária (BRASIL, 1976).

Atualmente o CAT está subordinado à Coordenadoria dos Colégios Agrícolas, da Pró-Reitoria de Ensino e de Graduação da UFPI e oferece à comunidade os seguintes cursos: Técnico em Agropecuária concomitante com o ensino médio, Técnico em Agropecuária subsequente, Técnico em Informática subsequente, Técnico em Enfermagem subsequente e Técnico em Enfermagem integrado com o Ensino Médio na modalidade EJA.

Dessa forma, em consonância com seus propósitos, oferece educação profissional juntamente com ensino médio, formando técnicos mais especializados, capacitando-os para ultrapassarem o mero exercício técnico de uma profissão, contribuindo assim para o alargamento de suas aprendizagens pessoais e

profissionais e, também, para a diversificação e fortalecimento da economia piauiense.

CAPÍTULO II
O ITINERÁRIO DA PESQUISA: PRESSUPOSTOS
METODOLÓGICOS



CAPÍTULO II

O ITINERÁRIO DA PESQUISA: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

É preciso, [...], empreender um movimento de consistência da pesquisa qualitativa, de modo que seja possível revelar a sua serventia e a sua dinâmica gerativa no tecido vivo das relações existenciais societárias atuais, segundo contextos específicos e condições materiais e espirituais favoráveis (Dante Galeffi).

Fazer pesquisa não exige uma fórmula mágica, tampouco um formato ideal que garanta ao pesquisador as destrezas necessárias a este fazer investigativo, mas necessariamente requisitar uma metodologia orientadora do saber e dos caminhos de apreensão do conhecimento científico.

Este capítulo sublinha as nuances que dão corpo e vida ao trajeto da pesquisa ao tratar da metodologia que orienta sua trajetória de desenvolvimento e de seus principais desdobramentos, o que implica informar sobre o tipo de pesquisa, locus de investigação, sujeitos, formato instrumental de coleta de dados e, ainda sobre o modelo de análise dos dados.

2.1 O estudo e sua caracterização

É visível, na contemporaneidade, a redobrada exigência relativa à pesquisa, à produção do conhecimento e à socialização desse conhecimento. Investigar, pois os processos pelos quais as pessoas se formam e acessam ao mundo do trabalho, por exemplo, torna-se um desafio e uma necessidade para o professor-formador em busca de melhor compreensão desse fenômeno.

Nesse sentido, o estudo desenvolvido se enquadra nos princípios orientadores da pesquisa qualitativa. Esta é entendida como uma corrente que, segundo Minayo (2007), não se volta para quantificação, sua preocupação central é com a compreensão e a explicação da dinâmica que permeia as relações sociais cotidianas, ou então, como pontua Oliveira (2007), ao considerar a pesquisa qualitativa um processo de reflexão e apreciação dos fatos reais por meio do

emprego de técnicas e métodos para a compreensão do objeto de estudo em todos os contextos, históricos e estruturais.

A abordagem é considerada qualitativa quando se refere à produção de dados por meio das interações sociais, onde o pesquisador envolve-se de modo participativo explicando e descrevendo a realidade, em busca de analisá-la a partir de um conjunto de significações que este atribui aos atos do pesquisado. Portanto, os dados são subjetivos e individuais, ficando a cargo da percepção do pesquisador e dos objetivos de sua pesquisa (CHIZZOTTI, 2003).

Assim, as mencionadas considerações apontam para a abordagem a ser adotada na presente proposta de estudo, que investigou sobre as perspectivas profissionais dos egressos do curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA do CAT, no que concerne a sua inserção ao mercado de trabalho.

O estudo, inicialmente, consistiu de um levantamento bibliográfico, que foi realizado por meio de consultas às bases eletrônicas e acervos técnicos, como forma de captar os elementos suficientes para promover um melhor entendimento do tema em questão, bem como realizar uma aprofundada fundamentação teórica nesse entorno metodológico.

2.2 O lócus da pesquisa

Quando se termina a fase exploratória da pesquisa qualitativa – projeto de pesquisa, a próxima etapa é iniciar o trabalho de campo propriamente dito. O campo da pesquisa – lócus – é entendido como o recorte espacial que diz respeito à abrangência do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação. A pesquisa social trabalha com gente e com suas realizações, compreendendo-os como atores sociais em relação a uma vivência. Estes sujeitos, no campo, fazem parte de uma relação de interação social com o pesquisador, resultando num produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador (MINAYO, 2007).

Desta forma, o presente estudo foi realizado no CAT, fundado em 10 de maio de 1954, instalado em um espaço privilegiado, às margens do Rio Poty, permitindo a implantação de áreas irrigadas favorecendo o ensino de práticas agrícolas. Seu principal objetivo era favorecer a juventude rural, atraindo filhos de

agricultores para essa formação técnica, possibilitando o conhecimento de novas técnicas ao homem do campo. Hoje vinculado à Universidade Federal do Piauí, localizado no Campus Universitário Socopo na cidade de Teresina, capital do Piauí. A cidade de Teresina apresenta uma população aproximadamente de 814.230 habitantes e está situada às margens dos Rios Parnaíba e Poti.

FOTO 5 - Fachada do prédio principal do CAT – UFPI



Fonte: Acervo do CAT (2012).

O CAT conta com uma área construída de 05 hectares, dispõe de 12 salas de aulas, 20 salas para os diversos setores administrativos, 01 auditório com capacidade para 252 pessoas, 02 praças, 01 sala de audiovisual, 01 laboratório de ciências físicas e biológicas, 01 laboratório de enfermagem, 03 laboratórios de informática, 01 laboratório de solos, 01 setor de saúde, com atendimento médico, odontológico e de enfermagem, 01 sala de serviço psicológico, 01 sala de serviço pedagógico, 01 quadra coberta, 01 campo de futebol, 01 biblioteca, 02 alojamentos masculinos, 01 alojamento feminino, 01 abatedouro para pequenos animais, 01 pocilga, 02 aviários de corte, 01 galpão para máquinas e implementos agrícolas, 01 setor de climatologia e uma área de convivência com lanchonete, espaços que podem ser visualizados (alguns) neste Painel Fotográfico a seguir.

PAINEL FOTOGRÁFICO 1 - Colégio Agrícola: estrutura física

Fonte: Acervo CAT (2012).

As fotos que compõem este painel mostram a nova realidade do CAT, com as reformas e construções de áreas físicas, como: laboratório de solos, informática,

enfermagem, meteorologia, aviários, auditórios, e a qualificação dos professores, que têm elevado a autoestima dos docentes e discentes, tornando a escola uma referência na educação do estado do Piauí.

O CAT conta também, com uma área técnica de 05 hectares, onde estão localizados os setores de suinocultura, avicultura, ovinocultura e caprinocultura, e uma área agricultável para a produção de hortaliças e grandes culturas regionais.

PAINEL FOTOGRÁFICO 2 - Colégio Agrícola: zootecnia e fitotecnia



Fonte: Acervo CAT (2012).

As fotos ilustram a ampliação do setor técnico com a aquisição de tratores e equipamentos agrícolas, que tem sido fundamental para que os alunos possam aliar teoria e prática, como assim é recomendável num curso técnico e, também, porque a

produção agrícola e agropecuária do CAT é sempre realizada em parceria, como atividades de ensino, pesquisa e extensão, envolvendo alunos e professores, e toda essa é encaminhada para consumo do restaurante universitário.

O CAT conta com um quadro de servidores qualificados, composto por professores e por uma equipe técnica administrativa que oferece suporte aos trabalhos pedagógicos, psicológicos e sociais e de manutenção das instalações.

Seu quadro docente apresenta-se, nesse norte, constituído por 29 professores, sendo 05 professores doutores, 17 professores mestres e 07 professores especialistas, distribuídos entre disciplinas de formação técnica geral e formação básica.

O quadro técnico administrativo é constituído por 22 servidores, sendo 01 doutor, 01 mestre, 07 graduados, 10 com ensino médio, 02 com ensino fundamental e 03 com ensino fundamental incompleto; este grupo se distribui no atendimento/desenvolvimento de trabalhos e de apoio da referida instituição.

O corpo discente do CAT é constituído por um contingente na ordem 396 alunos, assim distribuídos: 173 no Curso Técnico em Agropecuária concomitante com o ensino médio; 71 no Curso Técnico em Agropecuária subsequente; e 62 no Curso de Enfermagem subsequente; 70 no Curso de Informática subsequente e 20 no PROEJA.

O ingresso desses alunos ocorre por meio de teste seletivo; atualmente, essa seleção inclui o sistema de cotas, destinando 50% dessas vagas para candidatos oriundos de escola pública e 50% para candidatos egressos de instituições privadas e similares. Após ingresso na escola, estudantes de comprovada baixa renda recebem bolsa de trabalho, bolsa PIBIC Júnior via (FAPEPI), bolsa PIBIC - Ensino Médio da (CAPES), assim como têm direito à residência, alimentação e a serviços odontológico, psicológico e orientação pedagógica, no intuito de suprir suas necessidades econômicas e financeiras e como forma de amenizar o impacto dessa carência em sua vida escolar. No geral, o que se observa é que esses alunos bolsistas passam a ter um desempenho muito melhor do que antes, havendo assim um ganho em ordem de conhecimento e de desenvolvimento escolar.

A inclusão do aluno no ensino, pesquisa e extensão tem levado a uma inclusão social, cultural e econômica, o que representa significativa contribuição para

continuação de novos cursos, no sentido de melhor qualificá-los para o mercado de trabalho.

Dentro de sua proposta educativa, o CAT oferece os seguintes cursos: Técnico em Agropecuária concomitante com o Ensino Médio, Técnico em Agropecuária subsequente, Técnico em Informática subsequente, Técnico em Enfermagem subsequente, Técnico em Enfermagem integrado com Ensino Médio na modalidade EJA. No passado, no ano de 2007, entre os cursos oferecidos, encontrava-se o curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA, que nesta proposta é tomado como foco de investigação, haja vista, que a formação da primeira turma concluiu-se no ano de 2008, razão de nossa escolha para prestar-se como espaço referencial do presente estudo.

2.3 Os sujeitos do estudo e sua caracterização

Foram sujeitos desta pesquisa 14 (quatorze) alunos egressos do curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA, no ano de 2008, no CAT.

Os alunos foram elencados e caracterizados num primeiro momento, através de um levantamento documental/censitário. Foram observados os nomes, o local de residência (se ainda residiam na capital), se concluiu o Curso Técnico em Agropecuária no ano de 2008, e o telefone para posterior contato. Portanto, foram critérios de inclusão como sujeitos do estudo: ter cursado Técnico em Agropecuária no formato EJA, ter concluído o curso em 2008 e aceitar, por convite, participar na condição de sujeito do estudo.

Posteriormente, para aproximação com os referidos sujeitos o pesquisador realizou o contato telefônico a fim de marcar uma visita de acordo com a disponibilidade do pesquisado, para possível realização da entrevista. Feito o levantamento e a ligação, a população da pesquisa se configurou em oito egressos.

Nesse tipo de pesquisa, todas as pessoas envolvidas são reconhecidas como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas adequadas para intervir nos problemas levantados. Portanto, deve-se criar uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado que não deverá ser desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até os resultados finais. Esta relação torna-se importante para que haja a apreensão dos vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que são

construídos pelos sujeitos. Assim, o resultado da pesquisa será fruto de uma ação coletiva, rica de muitos conhecimentos (CHIZZOTTI, 2003).

2.4 A produção de dados

O trabalho de campo, fase posterior à elaboração do projeto, permite a aproximação do investigador com a realidade sobre a qual fez seus questionamentos, permite também, estabelecer uma interação com os sujeitos que estão inseridos na realidade, construindo, assim, um conhecimento empírico de grande valor para quem faz pesquisa social (MINAYO, 2007).

A entrevista, adotada no sentido vasto da comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado assunto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Tem por objetivo construir informações pertinentes a determinado tema, e permitir a abordagem pelo entrevistador de temas igualmente pertinentes com vistas ao objeto de pesquisa. Uma das formas da entrevista é a semiestruturada, que combina perguntas abertas e fechadas, permitindo ao entrevistado a possibilidade de discorrer sobre o assunto sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2007).

Para a coleta de dados no campo, empregamos a técnica de entrevista semiestruturada, com a utilização de um roteiro (Apêndice A), contendo aspectos relativos à: motivação para realização de sua matrícula no curso Técnico Agrícola na modalidade EJA; importância do curso na sua vida pessoal e profissional; benefícios alcançados nos vários aspectos de sua vida pessoal e profissional; inserção no mercado de trabalho após conclusão do curso; utilização dos conhecimentos adquiridos no curso na sua vida pessoal e profissional, prosseguimentos com os estudos através de formação continuada ou de outros formatos de cursos.

A entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos entrevistados. Trata-se de uma técnica de produção de dados caracterizada por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala, servindo como meio de coleta de informações sobre um tema específico. É como refere Minayo (2007, p.107): “[...] uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa”.

A esse respeito, Szymanski, (2004, p. 14) complementa:

[...] a entrevista também se torna um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas.

Como já anunciado, no presente caso, a entrevista caracteriza-se de forma semiestruturada, na qual o pesquisador detém um roteiro com perguntas previamente elaboradas, mas que permite uma abertura para abordar o tema em determinados momentos da conversa, e permitindo ao entrevistado discorrer sobre outros aspectos que julgar necessário ao tema, e ao entrevistador explorar e aprofundar esses e outros aspectos, caso julgue relevantes para a pesquisa.

A coleta de dados foi concretizada, após levantamento nominal dos alunos junto à Secretária do CAT, e por meio dos contatos mencionados, foram, previamente, agendadas as datas das entrevistas, que conforme acordado realizaram-se nas dependências do CAT.

A entrevista oral e gravada foi realizada com a utilização de um formato semiestruturado, objetivando coletar informações dos interlocutores da pesquisa sobre o curso, possibilitando ao pesquisado a liberdade para formular sua resposta, o que colabora para uma maior precisão dos dados. Para a efetivação da entrevista, o pesquisador inicialmente apresentou-se ao egresso e em seguida forneceu todas as informações referentes à pesquisa: os objetivos do estudo, os procedimentos, os benefícios, os riscos, esclarecendo que o entrevistado não seria identificado na pesquisa, no sentido de preservar sua identidade e a importância de fornecer todos os dados, solicitados buscando atender os objetivos propostos. A coleta de dados foi realizada com a aprovação da instituição (ANEXO A), e o roteiro só foi utilizado após a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO B) e assinatura pelo entrevistado, concordando em participar de forma voluntária da pesquisa.

2.5 A organização e análise interpretativa dos dados

Estudos qualitativos de cunho descritivo-interpretativo, a rigor, estabelecem seu universo de análise apresentando contornos relativamente delimitados em formato de unidades naturais decorrentes dos dados empíricos, facilitando o olhar mais aguçado por parte do analista. Neste caso, dizemos como Poupart et al (2008) que as referidas unidades representam formatos de conjuntos com delineamentos naturalmente visíveis e apreensíveis na sua totalidade.

Após aplicação dos instrumentos, os dados foram analisados e interpretados de forma qualitativa e, posteriormente, houve uma sistematização e categorização destes para melhor processamento do contexto analítico, que se vale além dos dados, conforme diz Minayo (2007), de algumas luzes vindas da teoria que segundo sua construção colabora na explicação ou na compreensão do fenômeno do processo ou do conjunto de fenômenos e processos.

Desse modo, a pesquisa em questão, nesta fase, segue na direção de uma análise compreensiva e interpretativa, que coloca como tarefa a percepção da realidade humana vivida socialmente, propondo, quando convém, a subjetividade como fundamento do sentido da vida social e formativa do sujeito. Os teóricos dessa vertente analítico-compreensiva não se preocupam em quantificar e sim em compreender as relações, os valores, as atitudes, as crenças, os hábitos e as representações e a partir desse conjunto de fenômenos passam a interpretar a realidade circundante.

Segundo Gil (2009), após a coleta dos dados, as próximas etapas serão a análise e a interpretação das informações. A análise visa inicialmente, a uma organização sistemática dos dados, de modo a possibilitar o fornecimento de respostas ao problema da pesquisa. Na sequência, a interpretação compreensiva e interpretativa implica na procura do sentido mais amplo das repostas. Esta etapa pressupõe o confronto dos resultados obtidos no processo de investigação em campo com as informações levantadas no referencial teórico do estudo, tendo em vista a redação do relatório da pesquisa. Acrescentamos, por oportuno que, no decorrer da análise, os participantes se apresentam com seus nomes substituídos por códigos, ou por codinomes, como forma de preservação de suas identidades. Passam a ser denominados de T1 (Técnico 1), T2 (Técnico 2) e assim por diante.

Levando em consideração a linha de pensamento da pesquisa em torno das contribuições dos interlocutores, optamos pela técnica de análise compreensiva e interpretativa dos dados. O objetivo dessa orientação de análise é “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2003, p. 98).

Com base em Barros e Lefeld (1990), o emprego dessa técnica visa ao cumprimento de funções tais como: procedimento de uma análise das características de uma mensagem a partir da opinião de diferentes receptores, ou em situações diferentes para os mesmos receptores; a avaliação do significado de definições sociológicas nas mensagens, assim como, a identificação da influência social nas mesmas; e, ainda, a análise do contexto em que foram produzidas as mensagens. Conforme se apresentam os dados, a análise seguiu essa direção.

Pela sua relativa versatilidade a análise compreensiva se caracteriza, como um olhar crítico interpretativo para analisar os dados e aqui destacamos a análise temática, por ser a utilizada no estudo em questão. Essa forma de análise focaliza o tema, que comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo, uma informação entre outros.

Neste caso, entendemos tratar-se de uma unidade de significado que se desprende naturalmente de um texto avaliado. Utilizar a colaboração da análise temática pela compreensão e interpretação, consiste em identificar os núcleos de sentido que compõem a mensagem e cuja frequência de aparição pode significar algo para o objetivo proposto na configuração delineada por Minayo (2007).

Em pesquisas qualitativas, o grande volume de conteúdo obtido na coleta de dados, para efeito de análise, em geral, organiza-se em unidades menores e, em seguida, reagrupa-se em categorias que se relacionam entre si de forma a destacar padrões, temas e conceitos (MORESI, 2003). Nesta etapa de análise estabelecemos a busca de compreensão dos dados vislumbrando confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, como forma de ampliar o conhecimento sobre o objeto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

Nessa perspectiva, procedemos à categorização, classificando os dados com base em critérios estabelecidos, facilitando o processo de organização para posterior análise. Assim, a categorização encontra-se classificada em três dimensões:

categorias teóricas, que correspondem às leituras comuns ao tema central da pesquisa presente na formulação do referencial teórico; categorias empíricas, referentes aos dados coletados que dão origem às unidades de análise e categorias semânticas, definidas a partir de grupos semânticos (OLIVEIRA, 2007).

Dessa forma, colocamos como viés categorizador a compreensão da semanticidade (que diz respeito ao sentido dos enunciados) e, para tanto, está dividida em três fases: I - contato inicial com a mensagem, II.—realização da análise propriamente dita, III – tratamento das informações. A primeira é caracterizada pela efetivação da análise textual e temática, descrevendo a estrutura narrativa da mensagem e conceitos mais utilizados. A segunda fase está relacionada com a operacionalização dos processos de codificação, categorização e quantificação dos dados encontrados na mensagem. A terceira fase está relacionada com a determinação de um “código qualitativo” para classificação e tratamento dos dados.

Nesse sentido, a leitura dos dados permitiu a configuração de 03 (três) eixos de análise, assim denominados: Eixo 01 - Escolha do Curso; Eixo 02 - Saberes Aprendizagens e Experiências; Eixo 03 - Inserção no Mercado de Trabalho. Definidos os eixos, as falas dos sujeitos foram agrupadas em seus respectivos subeixos (APÊNDICE B): 1.1 Motivação para escolha; 1.2 Benefícios pessoais e formativos; 2.1 Formação geral; 2.2 Saberes técnicos profissionais; 3.1 Ingresso mercado de trabalho; e 3.2 A prática profissional do técnico em agropecuária. Estes favoreceram realizar as análises com maior detalhamento e com maior segurança no olhar interpretativo, o que possibilitou a realização de um trabalho sistematizado e coerente com os dados obtidos, cuja concretização analítica encontra-se registrada no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III
REVENDO E RELENDO OS DADOS: UM
EMPREENDIMENTO ANALÍTICO



CAPÍTULO III

REVENDO E RELENDO OS DADOS: UM EMPREENDIMENTO ANALÍTICO

A compreensão do fenômeno vai se modificando no decorrer do processo de pesquisa e paulatinamente aprofundado durante o trabalho de análise. A análise de dados implica a compreensão da maneira como o fenômeno se insere no contexto do qual faz parte (Heloísa Szymanski).

A busca por uma estratégia ou por estratégias de condução e de compreensão dos achados da pesquisa, na pressuposição de que os discursos dos sujeitos trazem, na sua configuração conteudística, noção ou noções compreensivas acerca do objeto de estudo é o que move e direciona a ação de analisar dados qualitativos sob a orientação da análise de conteúdo como técnica subsidiadora para este fim.

Nessa perspectiva, esta seção apresenta e analisa os dados coletados através de entrevistas semiestruturadas realizadas com egressos do curso Técnico em Agropecuária, apresentando ainda, sua disposição organizacional, e o estabelecimento de relação com os objetivos e com as questões que norteiam esta pesquisa. Dessa forma, os dados permitiram estruturar três eixos categoriais e decorrentes subeixos como forma de melhor conduzir e consolidar a análise descritiva e interpretativa dos dados.

3.1 Leitura de dados: organização, categorização e análise

Ler um texto significa, metaforicamente considerando, mergulhar nas águas mais rasas e nas mais profundas de seu entendimento, para daí tirar as compreensões cabíveis ao seu entendimento nos mais diversos quadrantes que se fizerem necessários e que os dados porventura apontarem.

Assim, destacamos que a análise dos dados na pesquisa científica caracteriza-se como uma tarefa que exige leituras diversificadas, olhares compreensivos mais aguçados para ver e compreender aspectos que nem sempre estão declaradamente expressos em palavras, por isso carecem do olhar sensível

do leitor, de seu olhar revelador, melhor dizendo, de seu olhar interpretativo, para poder posicionar-se de forma crítica e reflexiva, como requer uma análise dessa natureza.

Nesse sentido, a presente seção contém na sua estruturação e desenvolvimento, esse propósito de compreender e explicar a realidade pesquisada, em forma de objeto de estudo que vem a ser a formação técnica em agropecuária na modalidade EJA no CAT e a inserção dos egressos no mercado de trabalho. É, pois, nessa direção que o estudo desenvolveu-se, o que nos leva a acrescentar que neste percurso analítico de dados, nosso papel de pesquisador é buscar relacionar e explicar a realidade que se apresenta em forma de dados, com o referencial teórico de sustentação da investigação.

A rigor, a literatura entende que analisar dados na pesquisa qualitativa supõe considerar aspectos relativos à experiência do sujeito/interlocutor, suas representações, opiniões, palavras, sentidos da ação e dos fenômenos relativos à temática em estudo, notadamente, relativos a seu objeto, assim como supõe considerar, também, diferentes definições situacionais, que porventura emergjam do/no discurso dos interlocutores (POUPART et al, 2008).

Para esses autores, essa visão compreensiva é, em certo sentido, uma prerrogativa de pesquisa qualitativa, cujos dados aceitam uma boa conformação nos moldes da descrição de aspectos da vida social dos sujeitos, visto que descrever implica ou mesmo compreende atribuir à comunicação um sentido, empregando a linguagem para tanto, de modo a chegar à sua significação, fazendo com que os outros entendam o sentido, explícito e implícito, guardando fidelidade ao texto do interlocutor.

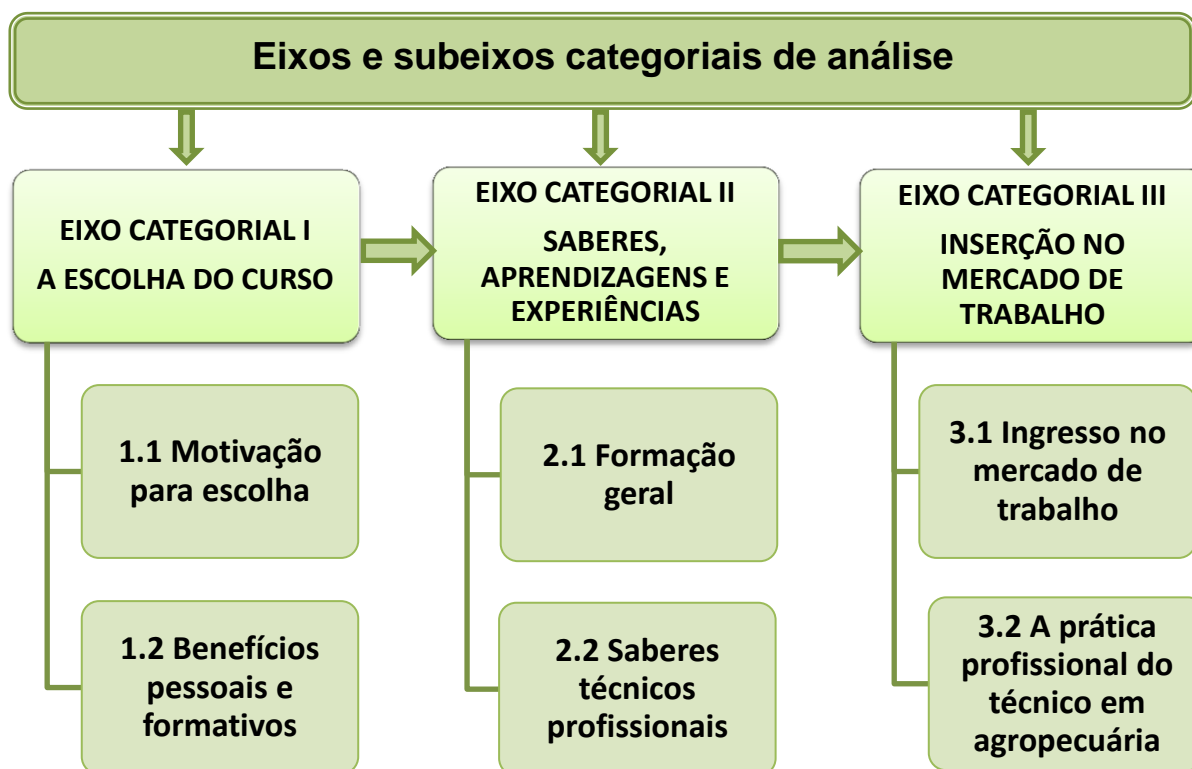
Como anunciado anteriormente, referente à metodologia do estudo, a análise de conteúdo semântico é a técnica que orienta as análises que a seguir são empreendidas.

Este tipo de análise dispõe de vários procedimentos metodológicos, que necessariamente não são utilizados de forma sequencial, mas que na maioria das vezes segue um roteiro. Os estudiosos costumam seguir o seguinte modelo: 1 – decompor o material em partes, conforme a unidade de contexto pré-estabelecida; 2 – distribuir as partes em categorias; 3 – realizar uma descrição do resultado da

categorização; 4 – fazer inferências dos resultados; 5 – interpretar os resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada (MINAYO, 2007).

Reafirmamos, por seguinte, que é nessa configuração e nesse sentido que passamos a olhar, de forma analítica, para os eixos e subeixos categoriais, analisando cada excerto narrativo destacado para esta finalidade, conforme indicados na Figura 1.

Figura 1 – Eixos e subeixos categoriais de análise



Fonte: Dados da pesquisa (2012).

A Figura 1 contém os três eixos categoriais de análise, desdobrados em subeixos. Para efeito de análise, no decorrer desta seção, a mencionada figura será seccionada por eixo, ilustrando e orientando a seção analítica referente a cada um destes, conforme segue.

O primeiro eixo categorial, relativo à escolha do curso, informa que os egressos, de certa forma, referem que não se tratou, de fato, de uma escolha, mas que a decisão decorreu de um aconselhamento de outras pessoas, a exemplo de um parente, de um amigo da família entre outros apontamentos.

O segundo eixo categorial, representativo dos saberes, aprendizagens e experiências dos sujeitos do estudo, dá conta da idéia de uma “abertura de horizontes”, em função desse rol de aprendizagens e das efetivas mudanças de concepções acerca do campo pessoal e profissional.

O terceiro eixo categorial traz considerações sobre a inserção dos egressos no mundo do trabalho, mesmo que os dados mostrem que nem todos estão inseridos como é desejado, revelando que a maioria já acessou ao mercado e que os demais continuam batalhando nesse sentido.

Os textos narrativos expressos pelos interlocutores, em forma de dados emitidos por intermédio da entrevista semiestruturada, trazem na sua essência, isto é, no seu conteúdo, o entendimento, as memórias, algumas utopias e planos, assim como sentimentos, que, para efeito de um olhar analítico, dizem além do que seus autores (sujeitos) intencionaram dizer. Esta é uma das razões pelas quais o pesquisador não deve subestimar os materiais textuais de seus informantes/colaboradores, pois como refere Bauer (2011, p. 189), “um *corpus* de texto oferece diferentes leituras dependendo dos vieses que ele contém”.

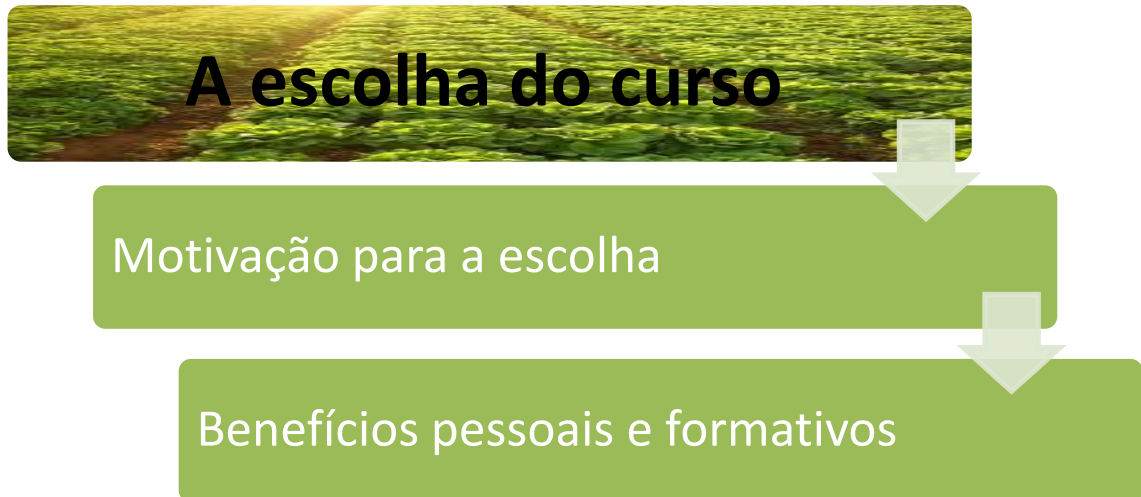
São, portanto, esses aspectos que referendam a análise de conteúdo como a técnica definida para dar conta do trajeto analítico dos dados, tendo os textos como meios de expressão daqueles que, como no caso desta investigação, se prestaram a fazer um caminho retrospectivo, voltando no tempo e nas suas lembranças, para discorrerem sobre a escolha do curso técnico em agropecuária realizado no CAT, sobre saberes e aprendizagens auferidos com os estudos e práticas no curso mencionado e, ainda, sobre sua inserção (ou não) no mercado de trabalho.

Assim, os dados corporificados em textos, organizados para geração de eixos categoriais e de seus subeixos, orientam o desenvolvimento das unidades de análise, e passam a ser olhados, descritos e analisados a partir de seus sentidos denotativos e conotativos, portanto, a partir do dito (explícito) e do não dito (implícito) que caracteriza o viés da semanticidade na análise de conteúdo.

Com essas considerações iniciais, passamos a analisar os dados com base no referencial de categorização expresso na Figura 1, que será desmembrada por eixos e subeixos no ato de efetivação deste exercício analítico, a partir das Figuras 2, 3 e 4, conforme seguem.

3.2 Analisando o Eixo Categorical I

FIGURA 2 - Eixo Categorical I

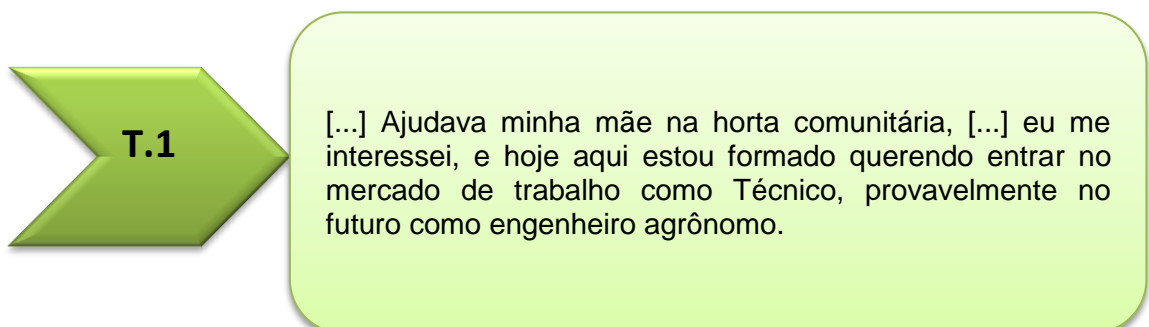


Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Este primeiro eixo categorial “A Escolha do Curso” encontra-se analisado com base nos seguintes subeixos: motivação para escolha; benefícios pessoais e formativos. Neste eixo intencionamos analisar dados que informem sobre a opção pelo curso, o grau de satisfação pela escolha e os benefícios em termos pessoais e formativos que foram proporcionados.

3.2.1 Motivação para a escolha

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a optar pelo curso Técnico em Agropecuária, na modalidade EJA, a rigor, a representatividade maior diz ter sido motivada por algum parente ou amigo que indicou o curso, como pode ser observado nas seguintes falas dos egressos: T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8, como assim são denominados para efeito das análises.



**T.2**

Bem, a princípio o amor pelo curso, minha mãe, ela trabalhava na horta comunitária, e uma parceria entre a Prefeitura e o Colégio Agrícola, tava dando prioridade para fazer o curso, filhos de horticultores ou parentes, começou praticamente na família, então ela tentou, perguntou aliais se eu queria estar neste curso, e como eu sempre tive esta motivação de fazer este curso, então surgiu a oportunidade, [...] eu optei por este curso, e peguei com afinco o curso.

**T.3**

Eu já trabalhava de horta, eu já era horticultura, quando eu soube do curso, eu vi a oportunidade de melhorar e crescer mais, o que eu já fazia, até porque eu já tinha prática, eu ia aprender a teoria, como lidar com alguns problemas que surgiam, como pragas, então eu escolhi este curso por isso, eu optei porque no futuro poderia ser uma opção a mais no mercado de trabalho, poderia me ajudar a conseguir uma outra profissão também. Como era uma parceria entre a Universidade e a Prefeitura, então os próprios funcionários da Prefeitura informaram às pessoas que tinham hortas, que estava havendo este curso, que era para beneficiar as pessoas que tinham hortas, assim como parentes delas, como eu já tinha a minha mãe também, fui beneficiada.

**T.4**

Na verdade eu não conhecia o PROEJA, minha Tia, que falaram com ela, [...] ela colocou meu nome para participar desta seleção e me chamou, eu vim e participei, eu não conhecia bem o curso, na verdade eu acabei entrando no PROEJA sem conhecer direito, [...] mas eu estava certo que era um curso Técnico que seria muito bom para mim, para meu desenvolvimento profissional.

**T.5**

Eu fiquei sabendo do curso, quando a Prefeitura lançou um projeto concomitante com o Colégio Agrícola, para beneficiar os filhos e parentes de horticultores do Dirceu, tinha curiosidade de aprender, fui selecionada.



T.6

Fiquei sabendo do curso através da minha amiga Érika, a vó dela trabalha nas hortas comunitárias, surgiu uma vaga e ela me indicou para fazer o curso, eu já tinha uma noção do que era o curso, mexer com a agropecuária, terra, e eu me motivei para fazer o curso.



T.7

Eu fiquei curiosa, eu já tinha ouvido falar mais ou menos o que era, o que ensinava, falavam muito a respeito do curso, aí eu me interessei por isso, curiosidade também, e mais conhecimentos para mim, para minha carreira profissional, quem me informou do curso foi minha mãe, por que ela tem horta, eu acho que foi na própria horta que ela soube que estavam selecionando filhos de horticultores para este projeto, PROEJA em convênio com a Prefeitura, eu fui lá fiz minha inscrição preenchi meus dados, e aí começou o curso.



T.8

O motivo foi uma oportunidade que apareceu na época, eu trabalhava só na horta, quando apareceu a oportunidade do curso, eu achei interessante, ia me ajudar na horta. Eu tomei conhecimento do curso através dos técnicos da horta, os técnicos eram da Prefeitura, e o curso era um convênio da Prefeitura com o Colégio Agrícola, [...] fiz a inscrição, fui selecionado e vim fazer o curso, eu tinha pouco conhecimento desse curso, só na horta, mas como tinha interesse vim fazer o curso.

A mãe foi a personagem incentivadora para T1, T2 E T7, enquanto para T3, T5 e T8 a influência ou a motivação nasceu por meio de funcionários da prefeitura, que tem ligação com as hortas comunitárias, onde representativa parte desses egressos trabalhavam com seus familiares, principalmente mães e tias.

T4 recebeu o apoio de uma tia trabalhadora das hortas, que ao saber do Projeto UFPI/Prefeitura colocou seu nome na lista. No caso de T6 seu apoio incentivador veio por meio de uma amiga, que por seu turno, tomou conhecimento através da avó que indicou seu nome.

De acordo com os dados, não se trata propriamente de uma escolha de curso, mas de um aviso, de uma informação, de uma ajuda de alguém, ou através do conhecimento de um projeto lançado pela Prefeitura de Teresina em parceria com o CAT.

Nesse sentido, o que seria fruto de uma escolha pessoal teve a influência e a participação colaborativa de personagens como a mãe, um técnico da horta, um funcionário da prefeitura e, ainda o acesso à informação sobre o Projeto que resultou na parceria Prefeitura/UFPI – CAT.

Os depoimentos desses interlocutores encontram ressonância nos estudos de Goi (2009), no tocante ao interesse em realizar o curso técnico, como o crescimento pessoal, a elevação do nível de escolaridade, alcance de uma formação profissional, opção de emprego e melhoria das condições de trabalho. Esse autor informa que a transformação do mundo do trabalho é uma questão de muitos aspectos, dessa forma, a globalização e as novas tecnologias, as dificuldades de encontrar um novo posto de trabalho e o aumento do desemprego causam inquietude para sociedade, e que, nessa consideração estar despreparado é estar condenado a ficar a margem desta realidade.

Portanto, é concreta a necessidade de habilitar jovens e adultos que estão há algum tempo distantes do meio escolar, a fim de elevar o desenvolvimentos de competências e habilidades, adequando-os à constante mudança no mundo de trabalho. Assim, o PROEJA, veio como uma alternativa para atendimento dessa demanda da população que necessita de uma qualificação profissional em curto prazo, como revelam os dados.

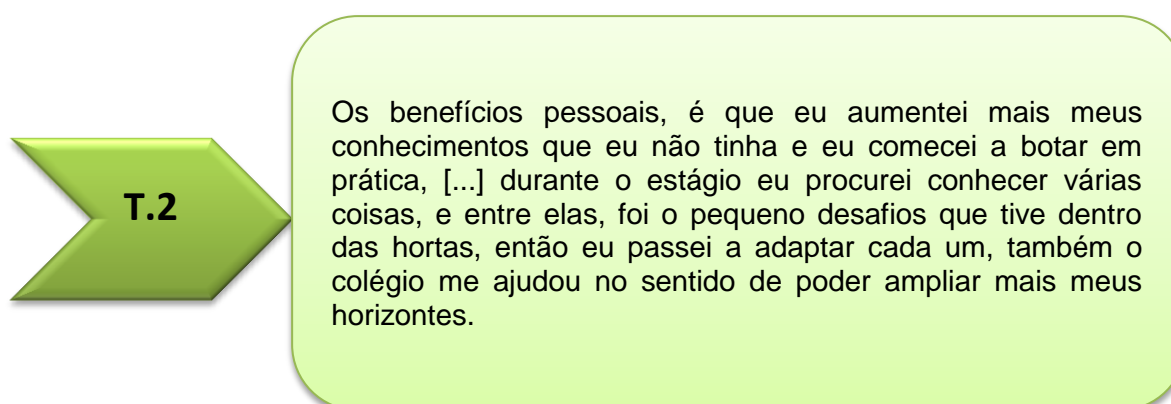
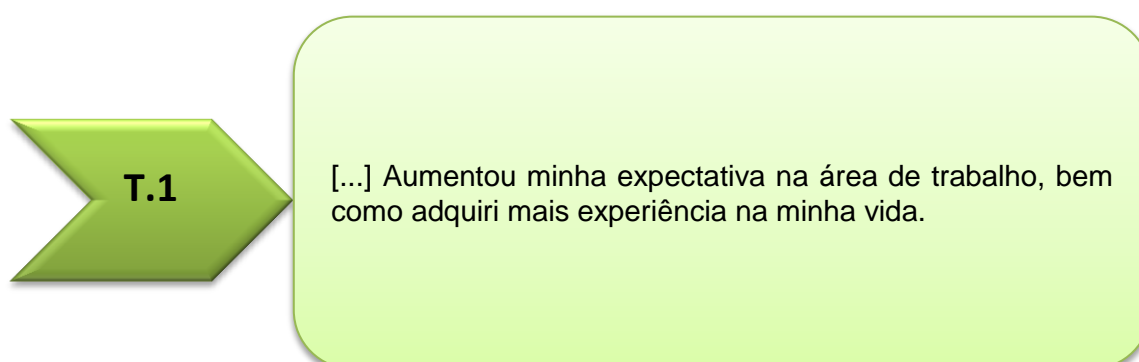
Essa compreensão encontra ressonância também no estudo de Costa (2010), que refere a tais motivações: a maioria dos jovens/adultos procura um curso por considerar ser esta uma via de acesso para a conquista de um trabalho. A posse de um diploma de técnico aliado à aproximação da possibilidade de se obter um emprego está na lista de expectativas e desejos desse grupo. A escola interessa à maioria dos jovens/adultos na medida em que acreditam que a mesma lhes permitirá melhores condições de vida por meio da inserção ou progressão no mundo do trabalho, é que, no geral, marca essa motivação.

Egressos, como T.3, T.7 e T.8, revelam, no entanto, que seu interesse aponta para a obtenção de um melhor conhecimento técnico e para ascensão profissional,

pois já tinham a vivência do trabalho da horta comunitária, mas não possuíam a técnica, somente o conhecimento popular sobre plantação. Acrescentam, também, que esta foi uma oportunidade oferecida por um convênio entre a Prefeitura e o CAT para parentes de horticultores, como se constata em seus depoimentos.

3.2.2 Benefícios pessoais e formativos

Nesta seção, os dados tratam acerca dos benefícios pessoais e formativos citados pelos egressos. Nesse aspecto, representativa parte desse grupo refere-se à ampliação do conhecimento sobre horticultura, sobre técnicas corretas de plantio e de colheita que ajudaram muito no dia-a-dia dos trabalhadores da horta comunitária, como assim expresso nos depoimentos que seguem.



**T.3**

Muito, a gente aprendeu a lidar com coisas das quais lá na horta a gente não tinha, a gente aprendeu como fazer as plantações, fazer enxertos, na horta a gente não fazia isso, mas às vezes quando a gente estar lá e não tem a teoria, a gente não sabe como plantar direito, como fazer mudas, então a gente aprende tudo isso, como lidar com certas pragas, no caso de lidar com veneno, essas coisas a gente não tinha lá, quantidade correta de usar, quantidade de esterco que devemos usar em cada canteiro, com relação também ao tamanho, como medir, tudo isso a gente não tinha, a gente fazia ao léu, então o curso nos ajudou tudo isso.[...] Eu já posso chegar e dizer que entendo alguma coisa, tem um amigo meu que foi fazer uma plantação de algumas plantas frutíferas, daí já me chamou para eu ajudar, este já é um benefício por ter feito este curso, já sabia a distância, a onde plantar cada uma, sabia qual planta, ao crescer, porque que tinha que ficar mais distante, então já foi um benefício no sentido profissional e no sentido pessoal porque eu posso aplicar isso para mim mesmo, como, assim, pequenas plantações se eu desejar eu já vou ter como fazer.

**T.4**

[...], foi para ajudar minha tia, com as hortaliças, eu acho que foi mais por isso que ela me colocou, para ela ter uma ajuda, uma orientação, de uma pessoa da família.

**T.5**

O benefício de poder ajudar na horta quando eu ia lá e via muita coisa e não sabia do que se tratava, aqui a gente tendo aulas, chegava lá, a gente via na prática o que era dado na teoria, aí a gente poderia usar os conhecimentos de sala de aula, para ajudar o pessoal que não tinha este conhecimento, ate tinham, mas no modo deles, ai quando a gente chegava para ensinar, juntava o nosso com o deles, e tinha um bom resultado no final.

**T.6**

Tive vários conhecimentos, o que não sabia sobre, animais, hortaliças, plantas, no decorrer do curso aprendi bastante.

**T.7**

Os benefícios foram grandes, pois eu aprendi muitas coisas que eu não sabia, quando a gente tá de fora nem imagina como seja cada área de trabalho que você queira seguir, e foi muito bom, esclareceu muitas coisas que eu não sabia, [...]. Eu gostava, aprendi muito, gostava de vim assistir as aulas, eu aprendi muita coisa, sobre cuidar dos animais, como deve ser feito, em termo de plantações também, muito coisa, o que eu consegui pegar, aprender, eu estou passando para os outros.

**T.8**

Foi muito bom, me interessei no que estava fazendo na horta. [...] O curso foi importante, me proporcionou mais conhecimentos. Arranjei trabalho devido este curso, a maioria que concorreram comigo, só tinham o ensino médio, aí eu coloquei o curso técnico em agropecuária, aumentou minha chance, aí eu fui chamado logo.

Nessa perspectiva, em consonância com os dados, os benefícios sociais e formativos advindos desse curso estão representados pelos interlocutores como um sentimento e compreensão de que o curso lhes ajudou a conquistar suas expectativas, bem como na aquisição de experiências, como diz T1. Ou como refere T2 sobre a ampliação de seus conhecimentos e acerca da abertura de oportunidades para acessar ao mundo do trabalho.

T3 faz referência ao alcance de aprendizagens diversificadas, enquanto T4 entende que o curso beneficiou no sentido de que lhe abasteceu de melhor conhecimento para ajudar sua mãe nos trabalhos de horticultura.

T6 e T7 se reportam a conhecimentos e aprendizagens sobre animais, hortaliças e plantas. T7, inclusive, põe como compromisso a repassagem dessas aprendizagens para outras pessoas que trabalham nesse ramo. T8 evoca como benefício o aumento dos conhecimentos, fato que aconteceu com todos os sujeitos, acrescentando que o curso somou positivamente, pois ampliou suas chances de acesso ao mercado de trabalho, o que de fato se concretizou.

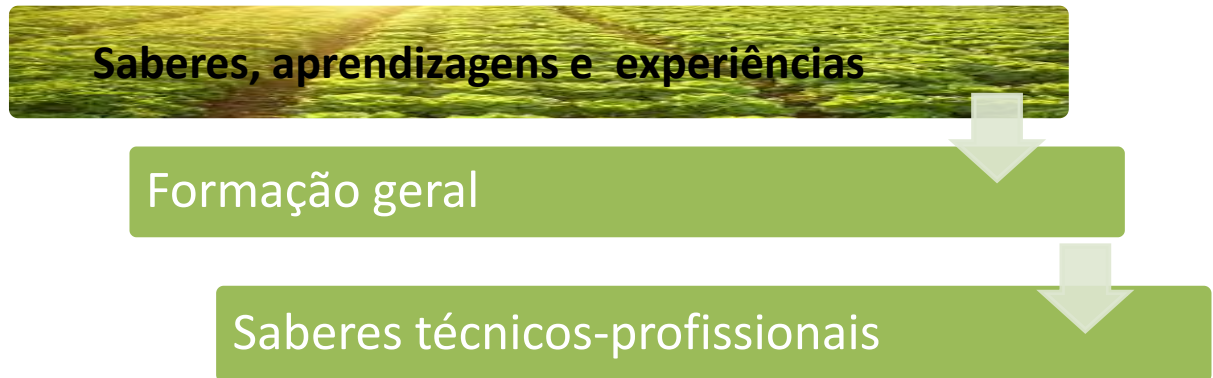
Com estas considerações analíticas, fechamos nossos olhares interpretativos e analíticos sobre os dados que integram o primeiro eixo categorial, registrando pontuações sobre a escolha do curso Técnico em Agropecuária, assim como acerca dos aspectos que motivaram essa escolha e em torno dos benefícios nos planos pessoais e formativos, auferidos pelos estudos no decorrer dessa formação.

Para analisar este conjunto de dados, reforçamos que o objetivo principal da Educação de Jovens e Adultos é preparar o educando para o exercício da cidadania na sociedade, buscando oferecer oportunidades ao cidadão que não concluiu seus estudos no período adequado, de modo a proporcionar o ensino como forma de obter melhores condições de conhecimentos, a fim de acompanhar o desenvolvimento social do mundo denominado culto. Isso permite que esse jovem/adulto desafie positivamente o ato de aprender numa luta contra a exclusão social e educativa.

Emerge desse modo, a percepção do desejo humano pelo conhecimento fundamentado no princípio do conhecimento inovador, visto que o cidadão necessita cada vez mais manter-se atualizado nos seus conhecimentos. Dessa forma, torna-se necessário criar novos métodos de educação para aprimorar essas informações que envolvam a prática educativa numa proposta que viabilize o desenvolvimento do cidadão em todos os aspectos (ESTEVÃO, 2009), este é, pois, uma das motivações de EJA.

3.3 Analisando o Eixo Categorical II

FIGURA 3 - Eixo Categorical II

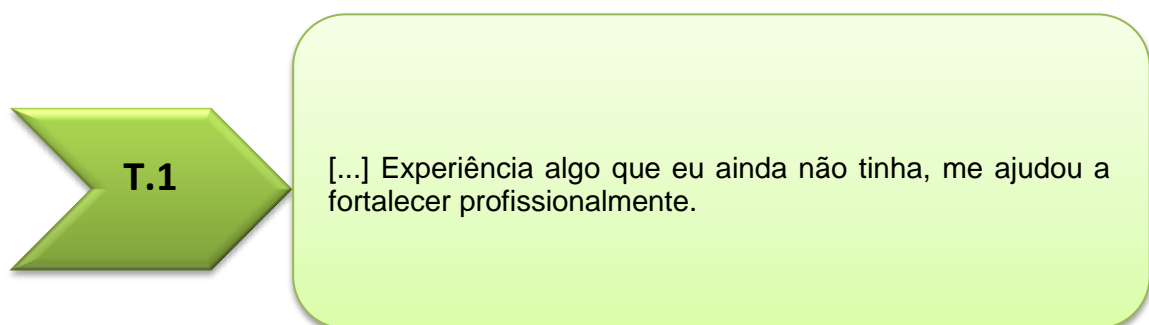


Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Para procedermos à análise do segundo eixo categorial denominado “Saberes, Aprendizagens e Experiências,” este a exemplo do eixo anterior foi dividido nos seguintes subeixos de análise: formação geral e saberes técnico-profissionais; na perspectiva de elucidar sobre os saberes e aprendizagens gerais proporcionados pelo curso, e os conhecimentos técnicos adquiridos no seu decorrer.

3.3.1 Formação Geral

No quesito formação geral, as falas dos egressos evidenciam a importância do curso tanto para a vida profissional, quanto para a vida pessoal, assim revelam os dados que passamos a analisar.



**T.2**

[...] Aumentei mais meus conhecimentos que eu não tinha e eu comecei a botar em prática, [...] aumentou meus horizontes.

**T.3**

Eu já posso chegar e dizer que entendo alguma coisa, [...] já adquiri conhecimentos para ajudar outras pessoas e a mim mesmo.

**T.4**

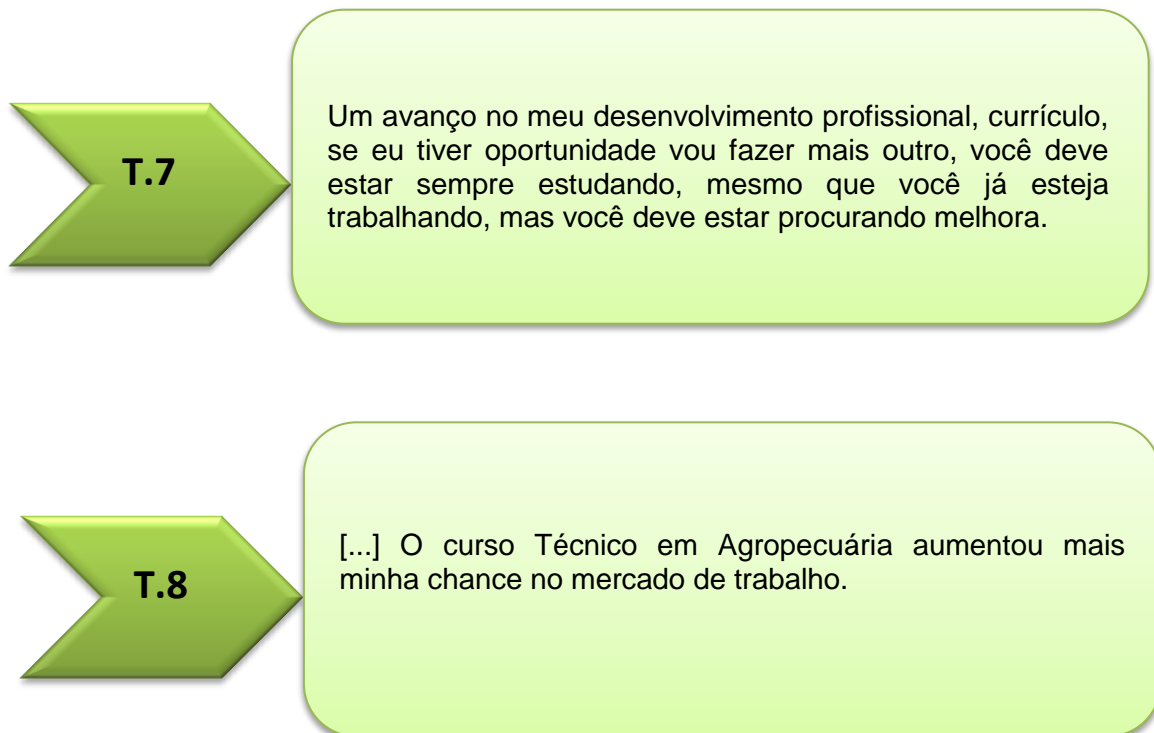
[...] Atuei como Técnico em Agropecuária através do estágio e para ajudar minha Tia com as hortaliças.

**T.5**

[...] Quando entrei aqui sabia pouca coisa, passei a conviver com pessoas, a me virar sozinha, e ir atrás do que era necessário, foi juntando tudo, a responsabilidade de estudante e pessoal.

**T.6**

Adquiri mais conhecimentos, já tive condições de ajudar um amigo nas hortas comunitárias.



Em seu relato T1 pontua que o curso e seus ensinamentos contribuíram para seu fortalecimento profissional, mesmo reconhecendo que àquela época não dispunha, ainda, de experiências concretas que pudessem ser elencadas.

T2 e T3 revelam que no item formação geral, entre saberes, experiências e aprendizagens o que eles ressaltaram é a questão relacionada à produção e à aquisição de conhecimentos na área, o que favorece tanto a prática como a ampliação de horizontes, como destaca T2.

Neste quesito T4 revela que sua formação geral o levou a vivenciar e atuar como técnico por meio do estágio, o que considerou positivo. Acrescenta que os ensinamentos aferidos no curso também serviram para auxiliar sua tia no cultivo de hortaliças, com informações técnicas e científicas.

T5 reconhece em seu relato o quanto eram limitados seus conhecimentos nesse campo até o momento de ingresso no curso e que o convívio com professores e alunos (o que ele chama “pessoas”) o fez torna-se mais autônomo e, inclusive, reconhece que adquiriu, afora os conhecimentos, mais responsabilidade estudantil e pessoal.

T6, a exemplo de T4, não só adquiriu novos conhecimentos como pode repassá-los a amigo que trabalhava no mesmo campo profissional, mas que ainda não passou por uma formação técnica formal.

T7 e T8, respectivamente, citaram a questão do desenvolvimento profissional pelo curso e a abertura de espaço para ingresso no mercado de trabalho. Tanto T7, quanto T8 vêem positivamente no que se refere aos conhecimentos adquiridos e produzidos no curso. T7, por exemplo, acrescenta que é importante prosseguir estudando sempre mais, atualizando-se.

A educação encontra-se no centro das atenções na sociedade contemporânea, e tem no quesito econômico, o principal encaminhamento das relações humanas – status de poder, interação entre classes, processos educacionais e nas formas de produção entre os homens. Nesse caso, a educação deve ser vista como processo norteador da identidade humana e fator determinante de superação, assim, tornar-se importante problematizar as mudanças no mundo moderno, através do binômio trabalho-educação, tentando realizar as devidas conexões entre as várias dimensões de existências: social, econômica, científica e cultural.

Nessa perspectiva, a associação da formação básica à oferta do Ensino Fundamental na modalidade do EJA tem o objetivo de qualificar trabalhadores, garantindo a elevação do seu nível de escolaridade, conforme as exigências da formação técnica. Dessa forma, é preciso garantir a estruturação das bases de formação geral requeridas para o exercício da cidadania, o acesso as atividades produtivas, o prosseguimento dos estudos e o desenvolvimento pessoal (BRASIL, 2006b).

Conforme o estudo de Ribeiro (2009), observamos que os cursos oferecidos pelo PROEJA permitem transformações significativas na vida dos alunos, não somente no quesito de saberes técnicos, mas também no quesito formação geral, como mudanças éticas, nova visão de mundo e mudanças concretas do cotidiano desses sujeitos envolvidos nesse processo de aprendizagem, em tempos e momentos individualizados.

Outro ponto de destaque é a elevação da autoestima dos envolvidos, que acaba por motivar as boas relações humanas no grupo familiar ou profissional. Numa sociedade de contínuas mudanças relacionadas aos diferentes saberes, é de

suma importância entender seu contexto social, comunicar-se com clareza, saber expor suas ideias e argumentar. Nesse sentido, a retomada dos estudos viabiliza, para todos os interlocutores, significativas mudanças.

3.3.2 Saberes técnico-profissionais

Os saberes técnico-profissionais adquiridos durante o curso mostraram-se importantes para ampliar os horizontes dos egressos e para que pudessem aplicar de forma efetiva o conhecimento almejado na atuação profissional, como relatado por eles nos excertos narrativos a seguir:



[...] foi tudo de bom e se pudesse poderia continuar na área fazendo outros cursos.



[...] Esse curso, como falei no início, ele foi ímpar para mim, ele fez com que abrisse os horizontes para mim, e estes horizontes cada dia aumentando o meu conhecimento, e eu pretendo a cada dia me aperfeiçoar nos estudos, seja ele na área da disciplina horticultura ou na parte de caprinos, que eu aprecio muito, e de bovinos [...].



[...] Aprendi muito com as práticas daqui, com as teorias também, então eu só posso agradecer pela oportunidade que deram.

**T.4**

Com relação aos conhecimentos adquiridos, eu diria que pessoalmente e profissionalmente eu tenho bom conhecimento adquirido por este curso, [...] curso foi muito bom, deu oportunidade as pessoas que achavam que jamais iriam fazer um curso Técnico em Agropecuária e conseguiu.

**T.5**

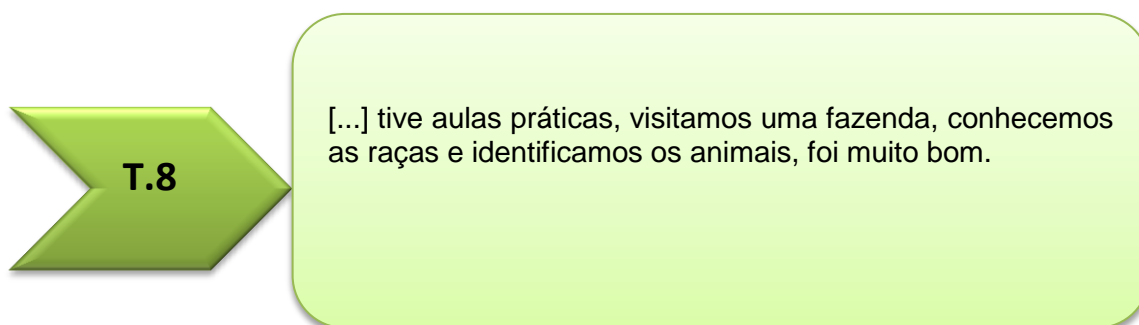
[...] Me interessava já pela área rural, quando cheguei aqui, passei a conhecer mais a fundo, [...] a gente via na prática o que era dado na teoria, aí a gente poderia usar os conhecimentos de sala de aula, para ajudar o pessoal que não tinha este conhecimento. [...] Foram dois anos muito bons, aprendi muito, a turma era boa, os professores, cada um com o seu jeito próprio de ensinar, cada um explicava de uma forma que deixava ali sua marca, a gente lembrava do professor e já lembrava da explicação, não tinha como errar, quem se interessou pelo curso e prosseguiu, se deu bem, porque os professores não deixaram a desejar, eles levavam o curso do PROEJA igual ao outro curso Técnico em Agropecuária do CAT, não era porque era do PROEJA que era diferente, não, era o mesmo ensino, as mesma matéria, o mesmo trabalho, a mesma aula prática, foi muito bom.

**T.6**

O curso foi muito importante, na formação, mercado de trabalho, pois dava conhecimentos, onde eu desenvolvi bem no estágio.

**T.7**

[...] mas foi muito bom, eu aprendi muito coisa que não sabia, a gente saia para visitas quando tinha feiras agropecuárias, agente ia lá ver os tipos de raças de caprinos, bovinos, tudo em quanto, tudo a gente ia, via assim pessoalmente o que a gente só via na televisão.



Os dados produzidos pelos interlocutores T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8, com relação a este subeixo de análise, na verdade não oferecem todas as condições para que procedêssemos a uma análise mais aprofundada, posto que o intuito era que todos externassem sobre seus saberes técnico-profissionais propiciados pelo curso.

Porém, de modo geral, não externaram diretamente acerca desses saberes. Seus depoimentos, entretanto, não deixaram dúvidas com relação a esses saberes adquiridos, produzidos e socializados; como é possível visualizar pelas interpretações compreensivas por nós compreendidas, “ouvindo” cada interlocutor, buscando compreender o conteúdo manifesto nas suas narrativas.

Como já enunciado, reforçamos que, de forma direta, neste contexto analítico, do presente bloco de dados não chegamos claramente à compreensividade, entretanto, entendemos que T1, T2, T3 e T4 não explicitam quais saberes técnico-profissionais foram adquiridos, mas relatam que “[...] foi tudo bom [...], e caso houvesse oportunidade faria novos cursos, como refere T1.

Em termos de satisfação com relação aos saberes, T2 destaca que o curso foi ímpar para ele, em especial porque lhe proporcionou nova visão de mundo novo que se refere à área em formação. T3 faz referência às práticas e às teorias desenvolvidas no curso, chega até a agradecer a oportunidade do curso, reavivando seu reconhecimento.

T4 fala com convicção sobre sua aquisição educacional e profissional “[...] um curso técnico em Agropecuária [...]”. Nesse sentido, revela sobre os conhecimentos adquiridos no decorrer dessa formação técnica.

T5 elogia o curso e o que ele implementou em termos de conhecimentos. Tece considerações elogiosas à prática pedagógica dos professores como algo

marcante no seu percurso formativo em Agropecuária. Faz elogios comparativos entre o PROEJA e demais cursos do CAT. Segundo nossa compreensão, a inferência que fazemos é que o curso foi fértil em termos de saberes técnico-profissionais.

Aspectos como a própria formação para o mercado de trabalho, o rol de conhecimentos, a vivência do estágio, são elencados como positivos na formação técnica em Agropecuária, conforme reconhece T6. Acerca dessa positividade e de aprendizagens bem sucedidas, também fala T7, que acrescenta momentos relevantes da prática, como as feiras, agropecuárias e a diversidade de animais/raças.

T8 demonstra seus saberes sem necessariamente nomeá-los, citando visita a uma fazenda onde conheceu, ao vivo, e identificou, pelo estudo prático, diversas raças.

No conjunto das análises empreendidas no presente subeixo categorial, a percepção que temos é de que para cada egresso do Curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA, um sentimento e um reconhecimento são consensuais: a qualidade do curso e as aprendizagens/oportunidades por ele propiciadas.

No trabalho de Pereira (2011), os interlocutores também enfatizam o impacto positivo da formação adquirida no Curso do PROEJA, como um diferencial para suas vidas. Ele ainda destaca que a possibilidade de continuidade da vida acadêmica, melhores perspectivas de emprego e renda, elevação da autoestima, favorecem a atuação social e política de indivíduos que antes se encontravam numa situação de marginalidade em relação ao sistema educacional.

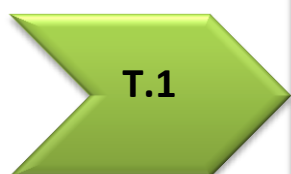
Assim, o impacto dessa formação, permite refletir sobre o papel da educação como instrumento de mudança e ação para as vidas de muitas pessoas que ainda se encontram excluídas pela sociedade. Nesse sentido a educação instrumentaliza o homem no sentido de agir para transformar sua realidade, tendo em vista a edificação de uma sociedade mais justa.

Nesse aspecto, o PROEJA colabora para o crescimento intelectual do alunado, pois o direito ao trabalho, o acesso ao emprego e o compromisso com o sustento e o bem estar da família, são necessidades que culturalmente se concretizam pelo acesso a educação. Goi (2009, p. 49) ressalta tal fato:

[...] a educação ainda é um processo de autotransformação social, cultural e da coletividade, pois ela poderá contribuir para responder as necessidades de um grupo, a fim de permitir a melhoria da qualidade de vida da população que dela se utiliza, trazendo inclusive a independência em alguns aspectos, [...] e ainda cria para a grande maioria expectativas de possibilidade de transformar o mundo do trabalho com uma qualificação que oportunize a colocação dos indivíduos em novos postos e ocupações no mercado.

O surgimento de novas tecnologias da informação e da produção está estabelecendo os rumos da sociedade global; dessa forma, é necessário criar possibilidades de qualificação real da força de trabalho, para que o cidadão possa se inserir em um mercado cada vez mais exigente e competitivo devido à corrida tecnológica. O aumento da qualificação permitirá um aumento na remuneração e em compensação, uma melhora da condição de vida do trabalhador (BORDIGNON; WAMBIER, 2009).

Apesar dessas constatações que só credenciam o curso, apesar da satisfação manifestada por todos os egressos, estes mesmos egressos citam alguns pontos como o tempo ofertado pelo curso ser insuficiente para a aquisição de todos os conhecimentos sobre horticultura, a ausência de algumas disciplinas que foram consideradas importantes como: Informática, conforme T1, T2 e T7 que gostariam de ter vivenciado aulas de laboratório em informática.



[...] me faltou algumas áreas que poderia ter me ajudado, no caso da informática que a gente não teve [...].



[...] agora o que me deixou a desejar também, é por que não tivemos aulas de laboratório em informática e também tinha muito assunto, como na área de avicultura, que tivemos só noções, então isto para mim deixou muito a desejar, na disciplina de construções rurais também deixou muito a desejar, porque se é um curso técnico agrícola você tem que dar tudo, por que lá fora eles vão exigir de você, e se eu tiver só este conhecimento, eu vou chegar e vou falar o que?

**T.3**

[...] A recomendação que eu poderia dar era assim, os professores poderiam ser preparados com antecedência, porque a gente foi pega ali, foi feita a inscrição, e um mês se não me engano dois meses depois, alguns professores foram ali em cima da hora selecionados para lecionar para a gente, então eles não tiveram tempo para fazer um plano de curso, como aplicar, então eles foram pegos praticamente de surpresa, aí a recomendação é que eles fossem com antecedência preparados para isto, visto que a carga horária desse curso é reduzida, não é igual as dos outros cursos.

**T.4**

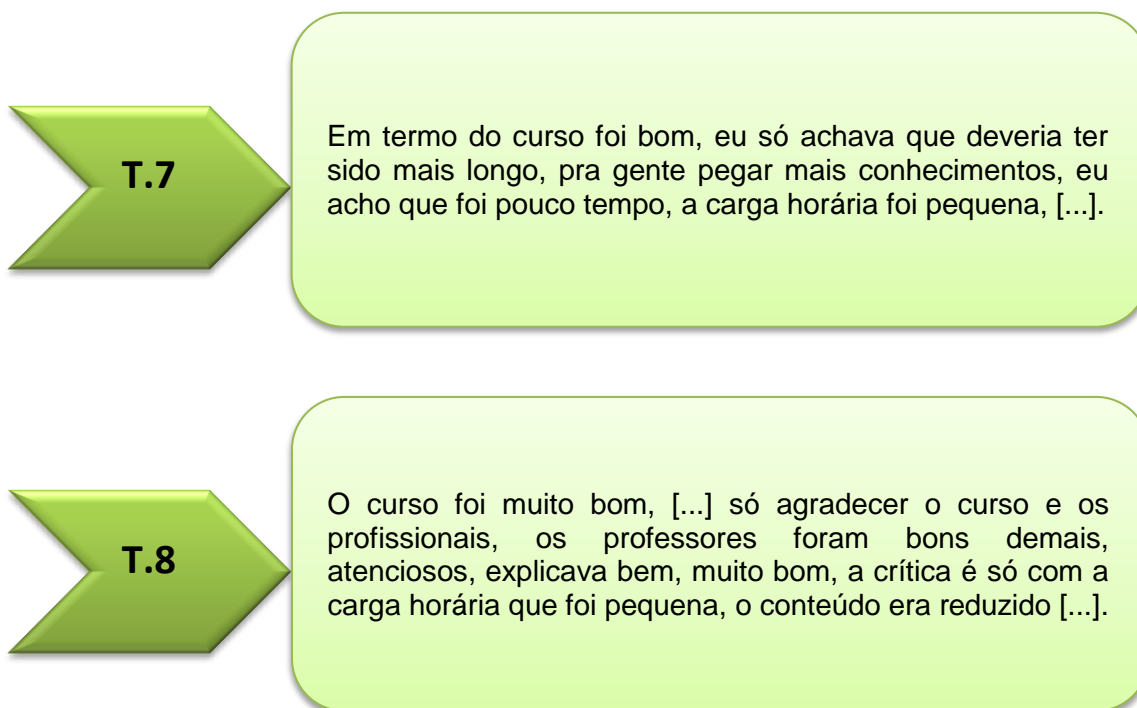
Com relação aos professores, na minha opinião, eles deveriam cobrar mais, não poupar, que na verdade eu creio que, fomos poupados de algumas partes de algumas atividades, não sei se foi pelo fato de ser o PROEJA, ser reduzido o tempo, eu não sei, mas na minha opinião deveria ter cobrado mais dos alunos, mas os professores são excelentes.

**T.5**

[...] Foram dois anos muito bons, aprendi muito, a turma era boa, os professores, cada um com o seu jeito próprio de ensinar, cada um explicava de uma forma que deixava ali sua marca, a gente lembrava do professor e já lembrava da explicação, não tinha como errar, quem se interessou pelo curso e prosseguiu, se deu bem, porque os professores não deixaram a desejar, eles levavam o curso do PROEJA igual ao outro curso Técnico em Agropecuária do CAT, não era porque era do PROEJA que era diferente, não, era o mesmo ensino, as mesma matéria, o mesmo trabalho, a mesma aula prática, foi muito bom.

**T.6**

O curso foi muito importante, na formação, mercado de trabalho, pois dava conhecimentos, onde eu desenvolvi bem no estágio. Com relação a metodologia dos professores foi ótima, o conteúdo foi passado direitinho, certinho, foi ótimo.



A educação é um processo que envolve aspectos dos mais diversos meios sociais: do trabalho, da família, das instituições de ensino e pesquisa, dos movimentos sociais e culturais; tendo como objetivo adequar os cursos às finalidades de cada etapa da educação básica. Assim, para que a educação de jovens e adultos seja eficaz e de qualidade é importante que esse modelo de ensino considere as especificidades de cada faixa etária, os ritmos de aprendizagens e a forma de inserção no mundo social (MOURA, 2007).

O PROEJA necessita formular uma proposta político-pedagógica específica e bem definida, para que possa atender as reais necessidades de todos os envolvidos, e oferecer respostas condizentes com a natureza da educação que buscam, discorrendo sobre as concepções formadas sobre o campo de atuação profissional, sobre o mundo do trabalho, e sobre a vida (BRASIL, 2006b).

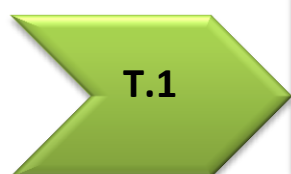
De tal modo, Machado (2006) destaca que associação do ensino básico com a formação específica requer a criação de modelos curriculares e de condições de ensino-aprendizagem, na vida pessoal e na realidade das experiências e interesses dos alunos, que levem em consideração as necessidades de profissionalização dos jovens e adultos pouco escolarizados. É importante desenvolver atividades que incentivem a aprendizagem dos alunos com os próprios pares e em equipe;

considerem os tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem; realizem práticas transdisciplinares que respeitem a diversidade (MACHADO, 2006).

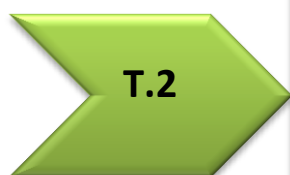
Destaca-se, também, a importância do trabalho interdisciplinar como forma de redimensionar a visão de mundo do docente, através da apropriação de saberes de outras áreas. Permitindo, que o professor, ao ampliar sua visão de mundo, consiga fazer a concretude da totalidade, dos saberes representados pelos fenômenos e relações, não mais pela prática disciplinar fragmentada, mas sim contextualizada a partir de uma análise mais aprimorada da realidade (BENTES, 2009).

A prática pedagógica, empregada na EJA, necessita transcender a cultura dos saberes clássicos, incorporando novos conhecimentos aos modelos curriculares que irão beneficiar a aprendizagem por meio da valorização dos saberes da vida cotidiana dos alunos. Isso não significa que necessita diminuir os conteúdos para "facilitar", mas ajustar os conteúdos a objetivos mais sólidos do que o da mera reprodução de supostas verdades universais desvinculadas do mundo da vida (COSTA, 2010).

Com relação à procura por outros cursos, os relatos dos egressos evidenciaram que houve um interesse em realizar novos cursos, em continuar se aperfeiçoando:



[...] Fiz um curso de vigilância, informática básica e pretendo fazer outros cursos.



[...] Fiz curso no SENAR na área de gestão, cooperativismo, associativismo e no Colégio Agrícola mecanização agrícola, estes cursos realmente me ajudaram muito, eu gostaria de fazer mais curso, é isto que faz engrandecer meus conhecimentos e me dão incentivos.

T.3

[...] Quando eu estava fazendo o curso, eu fiz também o curso de Mecanização Agrícola, então fora o curso do PROEJA, foi só este curso que fiz.

T.4

Após o término do curso e do estágio, pesquisei antes outros cursos e me identifiquei muito com segurança do trabalho, que é o curso atual que estou fazendo.

T.6

[...] Após o término do curso não fiz nenhum curso.

T.5

Prosegui os estudos, [...] atualmente curso turismo na Universidade Estadual do Piauí.

T.7

O curso técnico Segurança no Trabalho eu fiz antes de curso Técnico em Agropecuária penso em fazer agora um superior em Serviço Social, pois já tenho o ensino médio, técnico e agora eu quero me qualificar num curso superior.



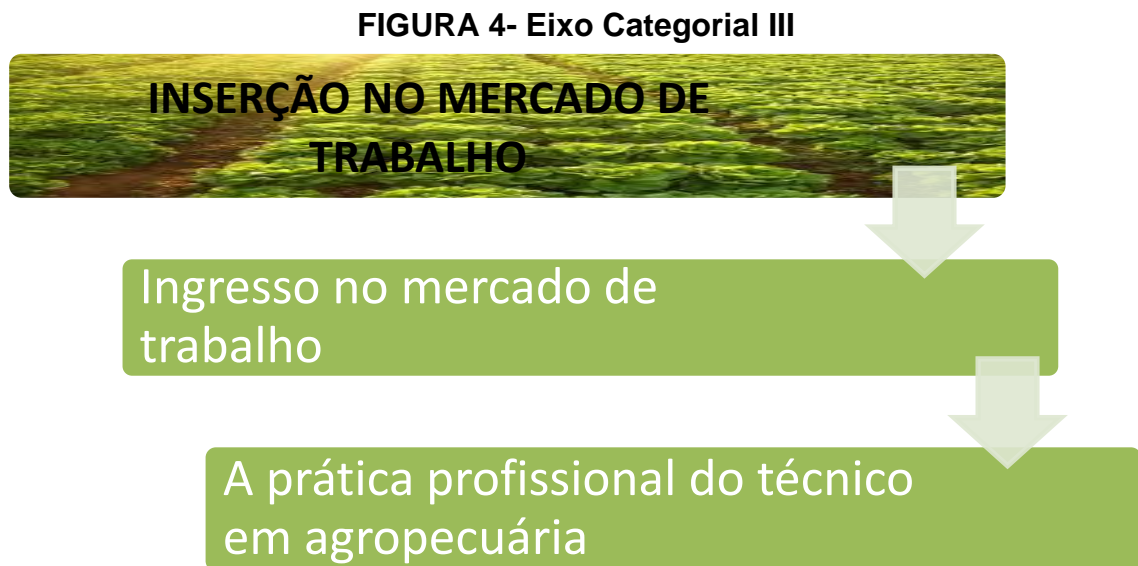
[...] Depois desse curso, não fiz nenhum curso, quando terminei comecei logo a trabalhar e no horário noturno, não tinha como fazer outro curso.

As exigências são cada vez maiores para o homem moderno no quesito de uma formação que lhe permita compreender e operar na conjuntura que representa o mundo do trabalho atual, não como um mero coadjuvante, mas enquanto sujeito político e produtivo em conformidade com suas necessidades de sobrevivência. Sendo, assim, nota-se a importância da apropriação de um conhecimento que vise tanto o desenvolvimento de habilidades e competências, quanto à valorização de todas as potencialidades do homem (BORDIGNON, WAMBIER, 2009).

O desenvolvimento econômico está intimamente ligado a educação de qualidade da população, sendo um dos critérios mais enfatizados por todos que apontam, como urgente, satisfazer as necessidades educacionais dos jovens e adultos, com destaque para o reconhecimento da importância crescente atribuída à educação básica nos processos de seleção das empresas, especialmente, com relação às exigências de habilidades na resolução de problemas, na atualização permanente com vistas ao desafio de novos conhecimentos, para criticar e reconstruir conceitos e práticas. (MACHADO, 2006).

As novas tecnologias têm promovido muitas mudanças no mundo de trabalho, para acompanhá-las o mercado tem criado novos postos de trabalho, exigindo do empregado uma constante atualização. O trabalhador deve estar preparado para adequar-se às mudanças provocadas pela globalização e às novas tecnologias, que têm acelerado significativamente a superação dos conhecimentos, exigindo uma atualização contínua (SAMPAIO, 2009).

3.4 Analisando o Eixo Categoral III

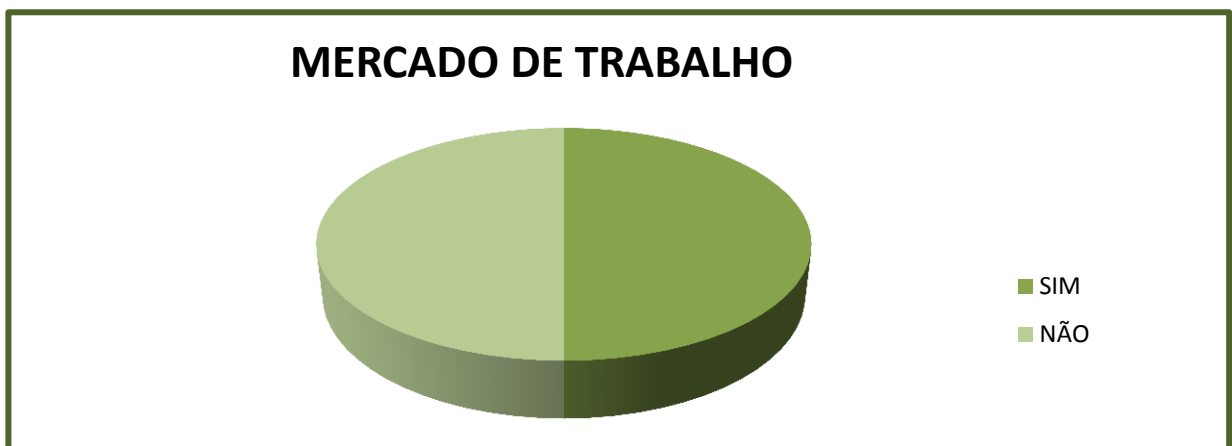


Fonte: Dados da pesquisa (2012).

O terceiro eixo categorial “Inserção no Mercado de Trabalho” foi analisado a partir de dois subeixos: ingresso no mercado de trabalho; e a prática profissional do técnico em agropecuária.

Em relação ao atendimento das demandas dos egressos no mercado de trabalho, a posse dos saberes técnicos e práticos e do diploma do curso Técnico em Agropecuária representou uma maior oportunidade de emprego e reconhecimento profissional, apesar da metade dos entrevistados ainda estarem a procura de um trabalho, como pode ser observado na Figura 5 e confirmado em seus depoimentos:

Figura 5- Quantitativo de egressos do Curso Técnico em Agropecuária do CAT, atuando no mercado de trabalho.

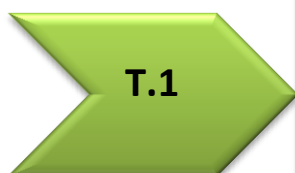


Fonte: Colégio Agrícola de Teresina - CAT. (2012).

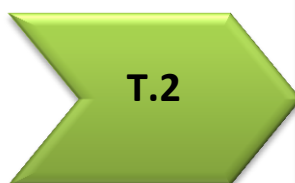
3.4.1 Ingresso no mercado de trabalho

Iniciamos a leitura interpretativa dos dados no presente subeixo, referendando o resultado expresso na Figura 5, que nos antecipa o quantitativo de egressos do Curso Técnico em Agropecuária que, em razão da formação auferida, se encontra inserido no mercado de trabalho. Nesse sentido, T1, T5, T6 e T8 acessaram ao patamar dos que se encontram trabalhando no seu campo formativo profissional.

T2, T3, T4 e T7 formam a lista de egressos que ainda se encontra mobilizando forças (pelo estudo, pelo desejo, pela perseverança) para acessar ao competitivo mercado de trabalho. Em meio a essa visão analítica preambular, passamos a desenvolver análises mais pontuais em consonância com o formato estabelecido.



No momento ainda não estou, mas, estou aguardando proposta. Espero que consiga emprego pela competência. [...] Necessariamente estou num sítio trabalhando como administrador, o conhecimento adquirido me influenciou bastante.



[...] É um patamar que cada dia aumenta, como por exemplo, quando terminei o curso, fiz estágio na Prefeitura, [...] no momento eu não estou trabalhando, estou parada, mas eu estava no mês anterior, tava dando a disciplina horticultura como monitora, com bastantes alunos jovens, com muita dificuldade por que eles não gostam da área, mas mesmo assim eu mudava de dinâmica com eles para continuar, enfim foi isso, eu só tenha que agradecer o curso.[...] Eu tenho uma mini horta que eu planto um pouco de cada coisa, e também eu tenho colocado como experiência, como por exemplo, tem pimenta que coloco para germinar com quatro e cinco cores, fico observando as mudanças, isto que tenho levado no meu dia a dia, para que não possa esquecer os meus conhecimentos que coloco na prática.

**T.3**

O curso, [...] ele representa para mim uma oportunidade de um emprego melhor, de um emprego, [...] Espero no futuro poder participar de um concurso e conseguir um emprego, visto que no momento eu não estou trabalhando no mercado. Não estou usando, eu também poderia fazer alguma coisa em casa, poderia fazer uma pequena plantação de hortaliças, só que neste momento eu não estou fazendo uso do que eu aprendi no curso.

**T.4**

No momento eu me encontro preparada para o mercado de trabalho, porque quando você entra numa coisa, você entra para se dedicar, [...] com relação ao curso eu me identifiquei, eu gostei muito, que na verdade é um aprendizado para mim, mas não me vejo muito trabalhando na área. Na verdade, profissionalmente eu não utilizo esses conhecimentos, eu utilizo mais pessoalmente, todo curso que você faz você guarda para si, os conhecimentos para utilizar no seu dia a dia.

**T.5**

[...]. No momento não estou no mercado de trabalho na área do curso Técnico em Agropecuária, mas pretendo [...] Utilizo na vida pessoal, como já foi ressaltado, quando falam de pragas ou de agrotóxicos, já sei do que se trata, para que serve, aconselho a diminuir na quantidade que está sendo usado, para não vim a fazer malefícios para o pessoal que usam.

**T.6**

No momento não estou no mercado de trabalho na área do curso, estou no mercado em outra área, trabalhando no setor de serviços gerais, o curso não influenciou na área que trabalho. Na área do curso o conhecimento que a gente sabe, já pode estar ajudando o próximo.



T.7

Estou no mercado de trabalho, sim, não necessariamente na área de agropecuária, estou trabalhando [...] em uma escola na área de gestão, através de outro curso técnico, Segurança no Trabalho. [...]. No meu emprego eu não utilizo os conhecimentos do curso, [...] trabalho somente na área administrativa. [...] minha mãe tem horta, eu já posso estar orientando ela, como lidar, o que fazer, os produtos que tem que usar, os que não podem usar, os produtos químicos em verduras, muitas coisas, tudo que tem que fazer nas hortas.



T.8

Foi muito bom, quando concorri no meu emprego, tem gente que passa mais de 20 a 30 dias para ser chamado, eu com uma semana fui chamado, eu acho que fui chamado devido o curso técnico que apresentei.

T1 engloba o segmento daqueles que já contam um emprego, mas pelo seu depoimento, prossegue investindo em busca de melhor colocação no mercado, haja vista sua afirmação: “[...] estou aguardando proposta”. Nosso interlocutor se mostra seguro, confiante diante de sua expectativa ao revelar que confia na sua competência e por intermédio desta aguarda seu momento de acessar ao concorrido mercado de trabalho.

T2, em sua narrativa, considera e pondera em torno dos aspectos “estágio na Prefeitura”, “disciplina horticultura”, “muita dificuldade”, “mudança de dinâmica”. São pontos a partir dos quais explica sua tentativa e sua esperança de conseguir empregar-se na área profissional de sua formação.

Embora não esteja empregada na sua área de formação, T3 reconhece no Curso Técnico em Agropecuária sua oportunidade de emprego, reforça esse entendimento mediante seu firme propósito, como assim considera: “Espero no futuro poder participar de um concurso e conseguir um emprego”.

T4 afirma que não percebe atuando profissionalmente no campo técnico profissional da Agropecuária, entretanto, diante da forte competitividade com que se apresenta o mercado profissional, nosso interlocutor não hesita em apontar que se encontra apto para ingressar nesse mercado. Entre sua aparente indecisão pela área e a convicção de que está preparado para tanto, declara: “[...] com relação ao curso eu me identifiquei, eu gostei [...], foi um aprendizado”.

T5 conseguiu sua inserção no campo profissional não exatamente no campo de sua formação. Este fato, no entanto, não representa obstáculo a sua busca, tendo em vista que seu objetivo é atuar e colaborar na área de sua formação.

T6, a exemplo de outros companheiros de curso, hoje na condição de egressos, exerce uma profissão que não se encaixa exatamente no contexto de sua formação técnica. Mas, como reforça, encontra-se inserido no mercado em área distinta daquela para a qual se qualificou, conforme expressa, “[...] estou no mercado, [...] trabalhando no setor de serviços gerais”.

T7, igualmente a T6, encontra-se no mercado de trabalho, mas não exatamente no âmbito da sua formação, tanto que no trabalho que desenvolve, a rigor, não necessita recorrer aos conhecimentos adquiridos e produzidos no decorrer do curso uma vez que, no momento, exerce uma função técnica administrativa.

T8 refere que foi pelos benefícios advindos do Curso que melhor desempenha seu papel formador. T8 credita ao curso Técnico em Agropecuária o fato de já se encontrar atualmente atuando profissionalmente na área.

Assim, o Ministério da Educação ressalta que uma das finalidades mais expressiva dos cursos técnicos deve ser a capacidade de ofertar educação básica sólida, em ligação direta com a formação profissional e integral do educando. A formação nesses moldes contribui para uma integração social do aluno, compreendendo o mundo de trabalho e a importância da continuidade dos estudos. Pode-se destacar então que:

[...] a oferta organizada se faz orientada a proporcionar a formação de cidadãos-profissionais capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho, para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando à transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos, especialmente os da classe trabalhadora (BRASIL, 2006b, p. 12).

As transformações no mercado de trabalho conferiram uma nova relação entre o trabalho e o conhecimento. Dessa forma, torna-se importante a formulação de novas formas de articulação para que possam realmente atender as expectativas dos cidadãos no que se refere à escolarização, à formação do trabalhador e, ainda, à inserção no mercado de trabalho. Essas articulações perpassam principalmente pelo espaço escolar – lugar de desenvolvimento, de construção e ressignificação de valores sociais, culturais e de conhecimento. Portanto, a formação do trabalhador requer uma educação inserida numa perspectiva de desenvolvimento omnilateral do educando, para que não se formem meros joguetes no mercado de trabalho (PACHECO, 2010).

Com as transformações no mundo de trabalho, a produção caminha para o seu processo de automação, o que configura um processo crescente de independência do capital e redução do espaço no mercado para o trabalhador, resultando no desemprego. Diante dos fatos, o emprego, nesse cenário de automação, impõe como exigência um novo perfil de trabalhador. É difundida a idéia de que, para estar incluído no mundo de trabalho, o indivíduo tem que dominar novos conhecimentos e enquadrar-se num perfil polivalente e, portanto, flexível às necessidades da produção em larga escala, em tempos de globalização (BENTES, 2009).

Para encerrar este conjunto analítico realçamos que não obstante o curso tenha oferecido melhores oportunidades profissionais, alguns de seus egressos ainda se encontram desmotivados devido à falta de um mercado de trabalho preparado e suficiente para atender as demandas de profissionais capacitados na área da agropecuária, o que pode justificar a porcentagem de 50% dos egressos desempregados. Assim verifica-se uma ênfase para a necessidade de ampliar o leque de ofertas de emprego para esses profissionais.

3.4.2 A prática profissional do técnico em agropecuária



No momento ainda não estou, mas, estou aguardando proposta. Espero que consiga emprego pela competência. [...] estou num sítio trabalhando como administrador, o conhecimento adquirido me influencia bastante.

**T.2**

O governo deveria criar mais área de trabalho no setor de agropecuária, para dar mais oportunidades para o pessoal que está formado. O estado abre concurso em várias áreas, mas não abre na área da agropecuária, e isto é errado.

**T.3**

[...], aqui no Piauí é um pouco difícil, para esta área, então assim a gente espera que no futuro venha ter concurso.

**T.4**

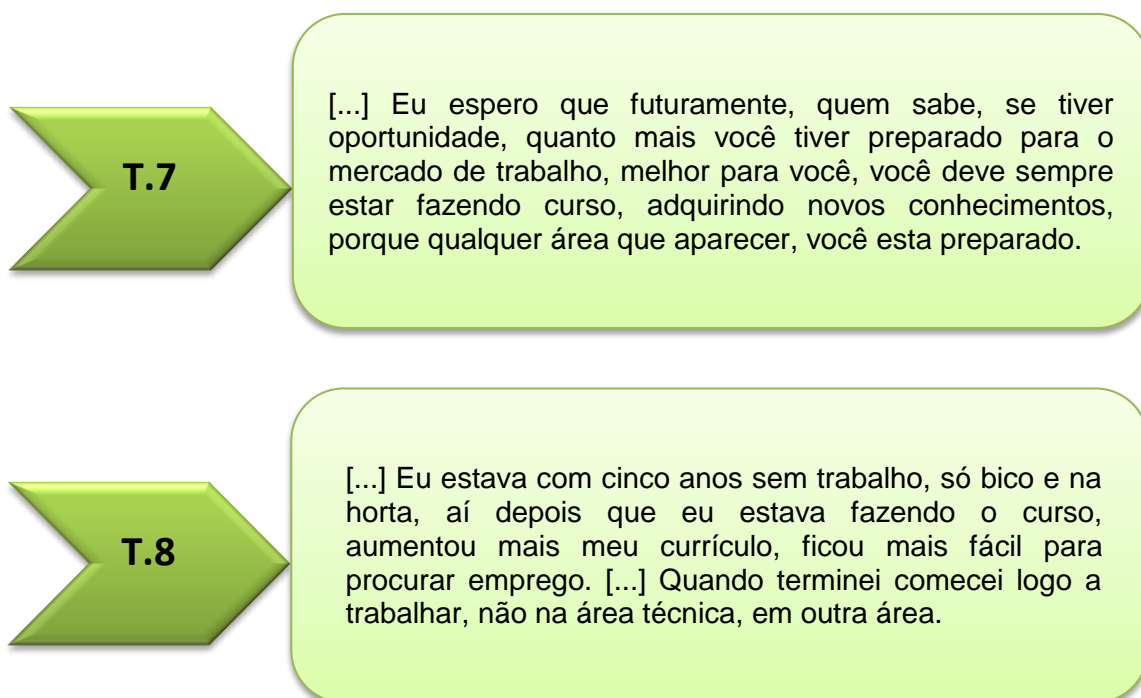
[...],Falta espaço no mercado de trabalho, que deveria ter mais para as pessoas botar em prática todos os seus conhecimentos.

**T.5**

A perspectiva era realmente de trabalhar na área, tive oportunidade no estágio, foi proporcionado, passei seis meses, tempo muito bom, diretamente ligado às hortas daqui de Teresina.

**T.6**

[...] As críticas é que no momento o mercado de trabalho está em falta, está dando pouca oportunidade.



Diante do aporte de dados que integram este subeixo, a compreensão que emerge, a partir de um olhar analítico generalizado, é que todos os egressos muito pouco consideraram acerca de sua prática profissional na área técnica, aspecto que pode ser corroborado nas análises que seguem, ouvindo T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8.

Sobre seu conhecimento técnico profissional, T1 anuncia que o aplica, quando possível, nas atividades administrativas de um sítio que se encontra sob sua responsabilidade. Nesse sentido, T1 reconhece que os conhecimentos adquiridos/produzidos no curso são bem aproveitados na formação profissional do momento.

T2, possivelmente, pretende aplicar seus conhecimentos na sua prática profissional, conquistado por intermédio de concurso que vislumbra submeter-se, pois o seu quase desencanto com a área é justamente pela falta de oportunidades nesse mercado.

Sobre a carência de concurso também se reportam T2 e T3, aludindo sobre a omissão do Estado em não abrir caminhos, pela via do concurso, para esse contingente que ainda está a esperar sua oportunidade de trabalho e assim poder colocar em ação seus conhecimentos técnicos/práticos.

T4, T6 e T7 consideram em seu depoimento que o mercado de trabalho, no âmbito de formação técnica em Agropecuária, está em falta; as oportunidades de emprego são escassas, o que lhes inviabiliza colocar em prática seus saberes técnicos. Sem os espaços formais de trabalho torna-se quase inviável para os egressos que, até o momento, não conseguiram colocar-se no referido mercado.

T5, entretanto, ao se voltar para considerar sobre sua prática profissional frente aos conhecimentos técnicos em agropecuária, seu desejo profissional é contribuir com seu trabalho e com sua experiência, muito embora já tenha aplicado esses conhecimentos nas hortas comunitárias em Teresina.

T8 não revela claramente seus conhecimentos no aspecto aqui considerado, contudo refere que fez “bico” (trabalhos esporádicos) que provavelmente foi nessa área técnica. É bem verdade que se encontra inserido no mercado, não sendo exatamente na sua área de formação.

Para finalizar este aporte analítico, relativo ao terceiro eixo categorial, o fazemos citando o estudo de Pacheco (2010), o que ressalta que os cursos de natureza técnica facilitam a entrada no mercado de trabalho, porém não garantem uma necessária empregabilidade ou permanência no emprego. Logo, educação e formação profissional não devem ser vistas como soluções capazes, elas mesmas, de gerar empregos, pois, como vimos pelos depoimentos analisados, elas podem aprimorar as habilidades dos trabalhadores, mas nem sempre lhes garante uma inserção no mercado de trabalho.

Pelos dados em análise verificamos a não constatação da relação direta entre aumento da escolaridade e inserção no mercado de trabalho. Esse entendimento reforça a idéia de que a educação não é, por si só, um fator que garante a mobilidade social, podendo ser entendida como a única forma de promover a inclusão. Contudo, também se pode inferir que a ausência de uma escolaridade básica e, sobretudo, de qualidade, contribui para altos índices de desemprego, dentre outros fatores de vulnerabilidade social.

Assim sendo, é necessário tornar o trabalhador competitivo, prepará-lo não apenas para assumir uma função no mercado de trabalho, mas também prepará-lo para permanecer neste mercado, que está em constante transformação. Desse modo, é importante buscar manter certo equilíbrio entre a oferta e a procura no mercado de trabalho; ou seja, se por um lado é necessária uma qualificação do

trabalhador, por outro, é preciso que sejam criadas formas de aumentar o número de vagas disponíveis com o acréscimo de postos de trabalho, pois não adianta ter profissionais qualificados se o mercado não estiver habilitado a absorver essa mão de obra (SAMPAIO, 2009).

No que se refere ao PROEJA, conforme o Ministério da Educação, os sujeitos oriundo desse Programa, necessariamente, não terão garantia de emprego ou melhoria material de vida, mas terão a possibilidade de alcançar esses objetivos, além de se enriquecerem com outras referências culturais, sociais, históricas, assim como terão a possibilidade de ler o mundo, estando nele e o compreendendo de forma diferente da anterior ao processo de formação (BRASIL, 2006b).

APORTE CONCLUSIVO



APORTE CONCLUSIVO

São árduos e tortuosos os caminhos que levam aos conhecimentos científicos. Nossas palavras não têm pretensão de ser nem normativas nem exaustivas. O processo que apresentamos não procura sugerir um método pedagógico válido para todas as ocasiões, desde o Maternal até a Universidade. Tivemos apenas o desejo de aclarar certos pontos relativos aos processos de apropriação do saber [...] (André Giordan; Gérard de Vecchi).

A formação técnica em Agropecuária em articulação com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos permite não somente a formação profissional do seu alunado, mas também a capacidade de ampliar seus conhecimentos e aplicá-los nas diversas situações que enfrentam no dia-a-dia. Nesse processo de ensino, a aprendizagem adquire uma especialidade mais focalizada no aluno, na independência e na sua autogestão, para aquisição do conhecimento, e aplicação prática na vida diária. Os alunos jovens/adultos tornam-se preparados para iniciarem uma ação de aprendizagem ao se envolverem com sua capacidade para enfrentar problemas reais da vida pessoal e profissional.

Nesse sentido, o que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao amplo universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos, integrada a uma formação profissional que possibilite compreender o mundo, e nele agir na busca de melhorias das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. Dessa forma, a proposta precisa ser de formação na vida e para a vida e não apenas uma qualificação para o mercado de trabalho (BRASIL, 2006b).

Com estas considerações, partimos para os encaminhamentos conclusivos, que na verdade são aproximações conclusivas. É nesse sentido que afirmamos: a conclusão (sempre inconclusiva) é o limite. Sempre provisória, mas é o fecho. Concluir é o horizonte daquele que toma a si a responsabilidade de produzir um texto científico, a exemplo desta dissertação, que decorre de nosso propósito de empreender um olhar sobre a formação técnica em agropecuária, articulada à EJA,

no CAT, no intuito de articulá-la com a discussão relativa à inserção no mercado de trabalho.

Faz-se necessário nesta etapa da investigação delimitar e desenvolver seu aporte conclusivo não obstante nossa compreensão de sua temporalidade, o que faz com que o ato de construir um arremate vem sempre acompanhado do sentimento/sensação de que nem tudo foi dito, escrito, considerado. A conclusão é, pois, esse jeito de cessar o movimento construtivo acerca do objeto de estudo, sem necessariamente esgotá-lo.

Dessa forma, para finalização desta parte do estudo, vamos nos reportar a alguns pontos que desejamos colocar em realce:

- A opção acertada de investigar a formação técnica em agropecuária no CAT, articulada à EJA, e que emergiu, na concepção dos egressos protagonistas do estudo, como a chance de alcançar sua formação técnica, enquanto um caminho ou uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho;
- A ampliação de conhecimento e de horizontes pessoais e profissionais;
- O propósito de continuidade dos estudos e de seu aperfeiçoamento;
- A totalidade dos interlocutores não se encontrar inserida no mercado de trabalho, mas todos buscaram outros estudos e qualificações, inclusive há casos de ingressos na educação superior;
- O acesso ao mercado de trabalho, também, tem se mostrado restrito para nossos interlocutores, apenas 50% desses egressos, até agora, encontram-se empregados, os demais encontram-se na expectativa de um concurso na área ou mesmo fora dela;
- Um sentimento lacunar nos conhecimentos no que diz respeito a uma disciplina que orienta no campo da informática.

O estudo tratou, entre outras questões, através de análise crítica e reflexiva, sobre os benefícios do PROEJA, enquanto uma política pública que visa ao alcance de uma franca participação social e educacional de jovens e adultos que precisam qualificar-se e inserir-se no mundo do trabalho, seja por razões educativas, seja numa perspectiva de inclusão e de justiça social. Esta modalidade de formação oferecida pelo Colégio Agrícola de Teresina proporcionou a esses jovens e adultos as competências necessárias para viabilizar sua inserção no mundo do trabalho e sua efetiva inclusão e participação no meio sociocultural em que habitam.

A história da nossa nação nos remete desde a colonização ao conhecimento do contínuo processo de exclusão social, como, por exemplo, o modelo de produção

capitalista, caracterizando-se por grandes níveis de desigualdades sociais e econômicas, excluindo boa parte da população, tanto em relação aos bens materiais quanto aos bens culturais. No que se refere à educação, esse problema se manifesta através dos crescentes índices de evasão escolar que estão associadas diretamente às condições precárias das escolas públicas, dificultando assim, o acesso dos alunos das classes populares à escola, e, ainda, por esta não oferecer condições materiais e educacionais para que os alunos permaneçam na escola, sem que abandonem os estudos, configurando um quadro que resulta na presença forte de jovens e adultos, um contingente que tardiamente buscou a escola, e que a cursou na modalidade de educação de jovens e adultos.

Frente a esses desafios, cresceu no Brasil, em meados do século XXI, a procura por políticas educacionais que possibilitassem a inclusão educacional de jovens e adultos, postulando preencher essas lacunas na sua formação, viabilizando colaborar com o atendimento as suas necessidades sociais e laborais.

Dessa forma, desde o surgimento da formação técnica no Brasil juntamente com o processo de industrialização do país no século XX, tornou-se iminente a necessidade de uma força de trabalho mais polivalente, o que demandou mudanças no sistema educacional, principalmente com relação à formação técnico-profissional. Diante desse novo modelo, as escolas e os centros de formação profissional tem orientado os alunos de forma a direcioná-los à empregabilidade.

A formação técnica profissional tem ganho importância no meio social e educacional pela oferta variada de cursos, seja na rede pública ou privada, seja pela aceitação social que conquistou, mostrando-se, por conseguinte, como caminho legítimo para colaborar com a inclusão no mercado de trabalho, tanto em relação à formação para a cidadania, ou pelas mudanças exigidas pelo mundo do trabalho, requerendo também do aluno um aporte de saberes específicos e não específicos que os levem a perceber as transformações decorrentes dos novos tempos.

Com a constante busca por profissionais mais preparados para a conquista de um emprego, o ensino profissionalizante torna-se uma viável solução, em vista da gama diversificada de cursos oferecidos no Brasil. Optar, pois, pelas ciências técnicas e profissionalizantes, à priori, revela-se um empreendimento bem sucedido quanto ao ingresso no mundo do trabalho nos mais diversos lugares do país, tendo

em vista que a educação técnica é percebida como um fator estratégico de desenvolvimento e competitividade humana na economia, notadamente.

Quanto ao processo de qualificação e profissionalização, no que diz respeito aos estudos nesse âmbito, tem como um dos principais desafios o de conduzir a formação técnica de modo a torná-la mais íntegra e intensa. A esse respeito, comporta ressaltar que o governo federal tem oferecido, através de diretrizes e ações, um leque de oportunidades que solidificam uma política pública compromissada com o atendimento às necessidades sociais neste âmbito. De modo que, o ensino profissionalizante vem como um meio de acolher e prover essas necessidades da sociedade estudantil, permitindo a esse crescente contingente de alunos o direito à acessibilidade à educação e ao trabalho qualificado.

Comporta acrescentar, nesse sentido, que a crescente demanda por novas formas de mão-de-obra especializada, está diretamente relacionada às necessidades do mundo do trabalho atual, em que a competitividade, esforço pessoal e talento andam juntos; o que nos leva a relacionar, ainda que indiretamente, os problemas e desafios atualmente enfrentados pela formação tecnicista às mudanças de paradigmas nos setores de serviço e produção, indicando-nos, novamente, o ensino profissionalizante como uma forma de oferecer trabalhadores qualificados para suprir esta necessidade crescente de força de trabalho.

O estudo indica que o ensino profissional que se deseja alcançar é aquele que almeja desenvolvimento e implementação de sua principal meta: uma formação técnica de qualidade, com compreensões analíticas e críticas acerca da realidade, direcionadas ao competitivo mundo do trabalho, levando-se em consideração que o trabalho também é um princípio educativo. O vínculo da educação profissional com a rede pública do Estado está fortemente ligado, não só pelas condições estruturais de que dispõe, mas também, por averiguar as funções educativas e sociais que adota, levando-se em consideração as demandas e necessidades da população brasileira.

Indica, também, o interesse por estudos profissionalizantes parte dos alunos, que veem este tipo de estudo como uma forma de se inserirem no mercado de trabalho rapidamente, levando-se em consideração a qualidade oferecida nos cursos e o baixo custo, tudo em um intervalo de tempo relativamente curto, quando comparado a outros cursos nos formatos tradicionalmente conhecidos.

Nas entrevistas realizadas com ex-alunos do CAT que participaram do PROEJA, constatamos que as informações já citadas encontram-se de acordo com os depoimentos colhidos, nos quais os alunos relatam que o programa veio como uma alternativa de suprir as suas necessidades quanto ao crescimento pessoal, elevação de nível de escolaridade e principalmente com uma formação profissional, oferecendo assim, melhores condições de inserção no competitivo mundo do trabalho atual.

Com relação a empregabilidade, foi constatado que 50% dos ex-alunos do programa ainda se encontram desmotivados pela falta de emprego, mesmo que o curso tenha oferecido, pela formação, oportunidades profissionais. O fato é que o mercado brasileiro ainda não tem como absorver toda esta demanda. Os cursos de natureza técnica não garantem uma empregabilidade, apenas facilitam os caminhos que conduzem ao mercado de trabalho.

Vale lembrar que o propósito do Ministério da Educação para os alunos do PROEJA, não é tanto a garantia de emprego, mas a possibilidade de alcançarem este objetivo, pelo reforço e enriquecimento com outras referências culturais, sociais e históricas, e, ainda, pelo desenvolvimento da capacidade de exercitarem a competitividade.

Com a finalização do presente estudo, abrimos espaço para reforçar que diante das mudanças, que se fazem presentes a cada instante, o PROEJA permitiu (e permite) mudanças significativas na vida dos alunos, sujeitos da investigação, não só com relação aos saberes técnicos, mas também quanto a sua formação geral, o que lhes proporciona uma nova visão de mundo, no interior do objetivo maior desse programa, que é preparar jovens e adultos para o exercício da cidadania, oferecendo-lhes oportunidades para concluir seus estudos, possibilitando-lhes acompanhar o desenvolvimento de uma sociedade e tornando-os aptos a saírem da sombra da exclusão social e educativa e, especialmente, habilitando-os a acessarem ao mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (Org.). Introdução. In: ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 9 -14.

BARONE, R. E. M. **Formação profissional**: uma contribuição para o docente brasileiro contemporâneo a partir da experiência internacional. SENAC. 2008. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/241/boltec241b.htm>>. Acesso: em 13 set. 2011.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, E. (Org.). **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2011.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BENTES, H. V. **Concepção e prática do ensino médio integrado**: a percepção dos professores da ETF Palmas – Tocantins. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília: Brasília, 2009.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDIGNON, L.; WAMBIER, S. M. **Desafios do mundo do trabalho no século XXI e a EJA**. 2009. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2220-8.pdf>. Acesso em: 13 set. 2011.

BRASIL. **Decreto n. 60.731, de 19 de maio de 1967**. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. Brasília, 19 de maio de 1967, 147º da Independência e 79º da República.

_____. **Decreto n. 78.672, de 5 de novembro de 1976**. Dispõe sobre a transferência do Colégio Agrícola de Teresina para a Fundação Universidade Federal do Piauí. Brasília, 5 de novembro de 1976; 155º da Independência e 88º da República.

_____. Decreto 200 de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a Reforma Administrativa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 fev. 1967.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. **Decreto n. 5.840, de 13 de junho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de integração de Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Brasília, 2006a; 185º da Independência e 118º da República.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **EJA**: Formação técnica integrada ao Ensino Médio. Boletim 16. Brasília, set. 2006b.

_____. Ministério da Educação. **Documento base**: programa de integração da Educação Profissional técnica de nível médio ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Brasília: SETEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica**: legislação básica – Técnico de Nível Médio / secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília: MEC, SETEC, 2008. 212p.

_____. Resolução n.196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as Diretrizes e normas de regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde**, Brasília – DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRITO, M. do S. T. Qualidade e profissionalismo: o compromisso do ensino técnico e superior. In: QUELUZ, A. G. (Org.). **Educação sem fronteiras**: em discussão o ensino superior. São Paulo: Pioneira, 2003.

CASSEB, R. F. G. B. O. **PROEJA na visão dos professores da educação profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT**. Nacional de Educação – EDUCERE, 4; Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Curitiba, 2009.

CASTELO BRANCO, J. V. C. **Entre trilhas e veredas**. Teresina, PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2010.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- COSTA, M. A. **Formas estruturantes da organização curricular e a materialização do Proeja no curso técnico de mecânica do CEFET- MG.** 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ENRICONE, D. **Os desafios da pesquisa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ESTEVÃO, S. P. S. **PROEJA:** expectativas e possibilidades de educação para jovens adultos. 2009. 30 f. Monografia (Especialização em Educação Profissional) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, Goiânia. 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educ. Soc.**, Campinas, Vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1129-1152, out. 2007.
- GALEFFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.
- GIORDAN, A.; VECCHI, G. de. **As origens do saber:** das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GOI, C. R. F. **Proeja e inclusão social:** qualificação, emprego e desemprego de egressos do curso de informática da EAFS/RS. 2009. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- GUIMARÃES, V. S. **Formação de professores:** saberes, identidade e profissão. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- HOTZ, K. G. **Avaliação da implementação do Proeja em municípios do oeste do Paraná** (2008 – 2009). 2010. 264 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação-Unioeste, Cascavel, PR, 2010.
2010
- IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado:** novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.
- KIPNIS, B. **Elementos de pesquisa e a prática do professor.** São Paulo: Moderna; Brasília: DF - UNB, 2005.

LIMA, M. da G. S. B. A prática pedagógica e a produção de saberes docentes: conhecimento, experiências, expectativas. In: IBIAPINA, I. M. L de M.; CARVALHO, M. V. C de. (Org.). **A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas**. Teresina: EDUFPI, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L. R. de S. **PROEJA**: O significado socioeconômico e o desafio da construção de um currículo inovador. In: MEC. EJA: Formação técnica integrada ao ensino médio. Rio de Janeiro: MEC, SEED, TV Escola, Salto para o Futuro, 2006, v. 16, p. 36-53.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINOZZI, E. J. **A Educação brasileira na Era Vargas**: as reformas e os grupos escolares paulistanos. Disponível em:<>. Acesso em: 25 jun. 2011.

MOLL, J. (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**. Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação - Universidade Católica de Brasília – DF. 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes para a educação do futuro**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2002.

MOURA, M. G. C. Educação de Jovens e Adultos: que educação é essa? **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, ano 12, n. 16, p. 51-64, jan./jun., 2007.

OLIVEIRA, M. M de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PACHECO, H. P. **A experiência do “PROEJA” em contagem**: interseção entre EJA e educação profissional. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PEREIRA, G. B. P.; GOMES, L. M. F. EJA: uma caminhada... um projeto em construção. **Revista do Programa Alfabetização Solidária**. Brasília: v.2, n.2, p. 21-50, jan./jun., 2002.

PEREIRA, J. V. O. **Proeja no Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia**: um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, DF. 2011.

- POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- RIBEIRO, I. F. **Perfil dos alunos do PROEJA do IFRS – BG**. Monografia (Especialização em Educação Profissional Técnica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009.
- ROMANELLI, O. **Historia da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- SAMPAIO, R. L. **Ensino técnico e inserção profissional: a visão dos egressos do CEFET–BA e de seus empregadores**. 103 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, DF, 2009.
- SANTOS, E. R. A. **A realidade do estágio supervisiona no ensino profissionalizante de nível médio: um estudo sobre o curso de técnico agrícola da escola agrotécnica federal de Colorado do Oeste, RO**. 184 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade de Brasília, DF. 2008.
- SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu. 2006.
- SOUSA, M. N. Padre Marcos e sua Boa Esperança: instrução pública e política no Piauí (1820-1850). **Cadernos de Historia** – Ano 3, n.3. Recife, Ed: universitária da UFPE, 2004.
- SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, RN, v.25, n.11, p.22-39, jan., 2006.
- SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- VENTURA, F. C. **PROEJA como inclusão escolar: um estudo de caso sobre as necessidades especiais dos estudantes**. 85 f. 2009. Monografia (Especialização a Distância em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica de Mato Grosso – Campos Cuiabá. 2009.
- VIVIAN, D. **Mediações pedagógicas: entre a educação de jovens e adultos e o trabalho**. 123 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - Rio Grande do Sul. 2008

APÉNDICE(S)



APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Programa de Pós-graduação em Educação

Pesquisa: A Formação Técnica em Agropecuária na Modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina e a Inserção no Mercado de Trabalho

Neste roteiro de pesquisa, cada entrevistado responderá:

- Comente sobre sua opção pelo Curso Técnico em Agropecuária, na modalidade EJA. Motivos?
- Sobre o Curso, aponte e comente:
 - Grau de satisfação (ou insatisfação) pela escolha;
 - Benefícios em termos de saberes e aprendizagem proporcionados;
 - Perspectivas de inserção no mercado de trabalho;
 - Benefícios pessoais e profissionais para sua formação.
- Faça comentário, caracterizando seu ingresso no mercado de trabalho. O que o Curso Técnico em Agropecuária representou (representa) nesse momento.
- Após o término do Curso prosseguiu os estudos através de formação continuada: curso de extensão, qualificação, graduação. Justifique.
- Atualmente, utiliza os conhecimentos adquiridos no Curso, tanto na sua vida pessoal e/ou profissional? Explique de que forma e com que finalidade.
- Utilize este espaço para deixar suas impressões comentários críticas acerca do Curso em referência.

APÊNDICE B - Instrumento de Análise

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

QUESTÃO NORTEADORA	EIXOS CATEGORIAIS	CONTRIBUIÇÕES DOS INTERLOCUTORES
<p>Em que medida a Formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA , oferecida pelo Colégio Agrícola de Teresina, proporcionou as competências necessárias para viabilizar a inserção de seus egressos no mercado de trabalho, bem como sua efetiva inclusão e participação no meio sociocultural em que habitam?</p>	<p>EIXO CATEGORIAL I A ESCOLHA DO CURSO</p> <p>SUBEIXOS</p> <p>1.1 MOTIVAÇÃO PARA ESCOLHA</p>	<p>T.1 – [...] Ajudava minha mãe na horta comunitária, [...] eu me interessei, e hoje aqui estou formado querendo entrar no mercado de trabalho como Técnico, provavelmente no futuro como engenheiro agrônomo.</p> <p>T.2 – Bem, a princípio o amor pelo curso, minha mãe, ela trabalhava na horta comunitária, e uma parceria entre a Prefeitura e o Colégio Agrícola, tava dando prioridade para fazer o curso, filhos de horticultores ou parentes, começou praticamente na família, então ela tentou, perguntou aliais se eu queria estar neste curso, e como eu sempre tive esta motivação de fazer este curso, então surgiu a oportunidade, [...] eu optei por este curso, e peguei com afinco o curso.</p> <p>T.3 – Eu já trabalhava de horta, eu já era horticultura, quando eu soube do curso, eu vi a oportunidade de melhorar e crescer mais, o que eu já fazia, até porque eu já tinha prática, eu ia aprender a teoria, como lidar com alguns problemas que surgiam, como pragas, então eu escolhi este curso por isso, eu optei porque no futuro poderia ser uma opção a mais no mercado de trabalho, poderia me ajudar a conseguir uma outra profissão também. Como era uma parceria entre a Universidade e a Prefeitura, então os próprios funcionários da Prefeitura informaram as pessoas que tinham hortas, que estava havendo este curso, que era para beneficiar as pessoas que tinham hortas, assim como parentes delas, como eu já tinha a minha mãe também, fui beneficiada.</p> <p>T.4 - Na verdade eu não conhecia o PROEJA, minha Tia, que falaram com ela, [...] ela colocou meu nome para participar desta seleção e me chamou, eu vim e participei, eu não conhecia bem o curso, na verdade eu acabei entrando no PROEJA sem conhecer direito, [...] mas eu estava certo que era um curso Técnico que seria muito bom para mim, para meu desenvolvimento profissional.</p> <p>T.5 - Eu fiquei sabendo do curso, quando a Prefeitura lançou um projeto concomitante com o Colégio Agrícola, para beneficiar os filhos e parentes de horticultores do Dirceu, tinha curiosidade de aprender, fui selecionada.</p> <p>T.6 - Fiquei sabendo do curso através da minha amiga Érika, a vó dela trabalha nas hortas comunitárias, surgiu uma vaga e ela me indicou para fazer o curso, eu já tinha uma noção do que era o curso, mexer com a agropecuária, terra, e eu me motivei para fazer o curso.</p> <p>T.7 - Eu fiquei curiosa, eu já tinha ouvido falar mais ou menos o que era, o que ensinava, falavam muito a respeito do curso, ai eu me interessei por isso, curiosidade também, e mais conhecimentos para mim, para minha carreira profissional, quem me informou do curso foi minha mãe, por que ela tem horta, eu acho que foi na própria horta que ela soube que estavam selecionando filhos de horticultores para este projeto, PROEJA em convênio com a Prefeitura, eu fui lá fiz minha inscrição preenchi meus dados, e ai começou o curso.</p> <p>T.8 - O motivo foi uma oportunidade que apareceu na época, eu trabalhava só na horta, quando apareceu a oportunidade do</p>

	<p>1.2 BENEFÍCIOS PESSOAIS E FORMATIVOS</p>	<p>curso, eu achei interessante, ia me ajudar na horta. Eu tomei conhecimento do curso através dos técnicos da horta, os técnicos eram da Prefeitura, e o curso era um convênio da Prefeitura com o Colégio Agrícola, [...] fiz a inscrição, fui selecionado e vim fazer o curso, eu tinha pouco conhecimento desse curso, só na horta, mas como tinha interesse vim fazer o curso.</p> <p>T.1 – [...] Aumentou minha expectativa na área de trabalho, bem como adquirir mais experiência na minha vida.</p> <p>T.2 - Os benefícios pessoais, é que eu aumentei mais meus conhecimentos que eu não tinha e eu comecei a botar em prática, [...] durante o estágio eu procurei conhecer várias coisas, e entre elas, foi o pequeno desafios que tive dentro das hortas, então eu passei a adaptar cada um, também o colégio me ajudou no sentido de poder ampliar mais meus horizontes</p> <p>T.3 - Muitos, a gente aprendeu a lidar com coisas das quais lá na horta a gente não tinha, a gente aprendeu como fazer as plantações, fazer enxertos, na horta a gente não fazia isso, mas às vezes quando a gente estar lá e não tem a teoria, a gente não sabe como plantar direito, como fazer mudas, então a gente aprende tudo isso, como lidar com certas pragas, no caso de lidar com veneno, essas coisas a gente não tinha lá, quantidade correta de usar, quantidade de esterco que devemos usar em cada canteiro, com relação também ao tamanho, como medir, tudo isso a gente não tinha, a gente fazia ao leo, então o curso nos ajudou tudo isso, estar ali produzindo, como saber as hortaliças corretas que deveria ser plantada, família com família, qual a que poderia estar ali sendo plantada uma com a outra, por que não podia, então só tive a ganhar, então os benefícios como falei foram muitos. Eu já posso chegar e dizer que entendo alguma coisa, tem um amigo meu que foi fazer uma plantação de algumas plantas frutíferas, daí já me chamou para eu ajudar, este já é um benefício por ter feito este curso, já sabia a distância, a onde plantar cada uma, sabia qual planta, ao crescer, porque que tinha que ficar mais distante, então já foi um benefício no sentido profissional e no sentido pessoal porque eu posso aplicar isso para mim mesmo, como, assim, pequenas plantações se eu desejar eu já vou ter como fazer.</p> <p>T.4 - A única área profissional que atuei como Técnica em Agropecuária foi através do estágio, e pessoal como eu já disse, foi para ajudar minha tia, com as hortaliças, eu acho que foi mais por isso que ela me colocou, para ela ter uma ajuda, uma orientação, de uma pessoa da família.</p> <p>T.5 - O benefício de poder ajudar na horta quando eu ia lá e via muita coisa e não sabia do que se tratava, aqui a gente tendo aulas, chegava lá, a gente via na prática o que era dado na teoria, aí a gente poderia usar os conhecimentos de sala de aula, para ajudar o pessoal que não tinha este conhecimento, ate tinham, mas no modo deles, ai quando a gente chegava para ensinar, juntava o nosso com o deles, e tinha um bom resultado no final.</p> <p>T.6 - Tive vários conhecimentos, o que não sabia sobre, animais, hortaliças, plantas, no decorrer do curso aprendeu bastante.</p> <p>T.7 - Os benefícios foram grandes, pois eu aprendi muitas coisas que eu não sabia, quando a gente ta de fora nem imagina como seja cada área de trabalho que você queira seguir, e foi muito bom, esclareceu muitas coisas que eu não sabia, aqui quase que as pessoas não ver falar assim nessa área, o pessoal acha que não é muito divulgada, deveria ter mais curso para as pessoas adquirirem mais experiências, aprenderem mais sobre curso técnico, eu queria continuar este projeto, acho que o primeiro começou pela gente, poderia não ter parado com o curso, eu não sei se ainda teve outra turma do PROEJA, mas deveria continuar. Eu gostava, aprendi muito, gostava de vim</p>
--	---	---

	<p>EIXO CATEGORIAL II SABERES, APRENDIZAGEM E EXPERIÊNCIAS</p> <p>SUBEIXOS</p> <p>2.1 FORMAÇÃO GERAL</p> <p>2.2 SABERES TÉCNICOS E PROFISSIONAIS</p>	<p>assistir as aulas, eu aprendi muita coisa, sobre cuidar dos animais, como deve ser feito, em termo de plantações também, muito coisa, o que eu consegui pegar, aprender, eu estou passando para os outros.</p> <p>T.8 - Foi muito bom, me interessei no que estava fazendo na horta. [...] O curso foi importante, me proporcionou mais conhecimentos. Arranjei trabalho devido este curso, a maioria que concorreram comigo, só tinham o ensino médio, aí eu coloquei o curso técnico em agropecuária, aumentou minha chance, aí eu fui chamado logo.</p> <p>T.1 [...] Experiência algo que eu ainda não tina, me ajudou a fortalecer profissionalmente.</p> <p>T.2 – [...] Aumentei mais meus conhecimentos que eu não tinha e eu comecei a botar em prática, [...] aumentou meus horizontes.</p> <p>T.3 – Eu já posso chegar e dizer que entendo alguma coisa, [...] já adquiri conhecimentos para ajudar outras pessoas e a mim mesmo.</p> <p>T.4 – [...] Atuei como Técnico em Agropecuária através do estágio e para ajudar minha Tia com as hortaliças.</p> <p>T.5 – [...] Quando entrei aqui sabia pouca coisa, passei a conviver com pessoas, a me virar sozinha, e ir atrás do que era necessário, foi juntando tudo, a responsabilidade de estudante e pessoal.</p> <p>T.6 – Adquiri mais conhecimentos, já tive condições de ajudar um amigo nas hortas comunitárias.</p> <p>T.7 - um avanço no meu desenvolvimento profissional, currículo, se eu tiver oportunidade vou fazer mais outro, você deve estar sempre estudando, mesmo que você já esteja trabalhando, mas você deve estar procurando melhora.</p> <p>T.8 – [...] O curso Técnico em Agropecuária aumentou mais minha chance no mercado de trabalho.</p> <p>T.1 - O curso em geral eu não tenho nada que posso dizer, há foi ruim, [...] me faltou algumas áreas que poderia ter me ajudado, no caso da informática que a gente não teve, fora isso foi tudo de bom e se pudesse poderia continuar na área fazendo outros cursos.[...] Fiz um curso de vigilância, informática básica e pretendo fazer outros cursos.</p> <p>T.2 – [...] Esse curso, como falei no início, ela foi ímpar para mim, ele fez com que abrisse os horizontes para mim, e estes horizontes cada dia aumentando o meu conhecimento, e eu pretendo a cada dia me aperfeiçoar nos estudos, seja ele na área da disciplina horticultura ou na parte de caprinos, que eu aprecio muito, e de bovinos, agora o que me deixou a desejar também, é por que não tivemos aulas de laboratório em informática e também tinha muito assunto, como na área de avicultura, que tivemos só noções, então isto para mim deixou muito a desejar, na disciplina de construções rurais também deixou muito a desejar, porque se é um curso técnico agrícola você tem que dar tudo, por que lá fora eles vão exigir de você, e se eu tiver só este conhecimento, eu vou chegar e vou falar o que. [...] Fiz curso no SENAR na área de gestão, cooperativismo, associativismo e no Colégio Agrícola mecanização agrícola, estes cursos realmente me ajudaram muito, eu gostaria de fazer mais curso, é isto que faz engrandecer meus conhecimentos e me dão incentivos.</p> <p>T.3 – [...] Aprendi muito com as práticas daqui, com as teorias também, então eu só posso agradecer pela oportunidade que deram. [...] A recomendação que eu poderia dar era assim, os professores poderiam ser preparados com antecedência, porque a gente foi pega ali, foi feita a inscrição, e um mês se não me engano dois meses depois, alguns professores foram ali em</p>
--	---	---

	<p>EIXO CATEGORIAL III INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO</p>	<p>cima da hora selecionados para lecionar para a gente, então eles não tiveram tempo para fazer um plano de curso, como aplicar, então eles foram pegos praticamente de surpresa, aí a recomendação é que eles fossem com antecedência preparados para isto, visto que a carga horária desse curso é reduzida, não é igual as dos outros cursos. [...] Quando eu estava fazendo o curso, eu fiz também o curso de Mecanização Agrícola, então fora o curso do PROEJA, foi só este curso que fiz.</p> <p>T.4 - Com relação aos conhecimentos adquiridos, eu diria que pessoalmente e profissionalmente eu tenho bom conhecimento adquirido por este curso, [...] curso foi muito bom, deu oportunidade as pessoas que achavam que jamais iriam fazer um curso Técnico em Agropecuária e conseguiu. Com relação aos professores na minha opinião eles deveriam cobrar mais, não poupar, que na verdade eu creio que, fomos poupados de algumas partes de algumas atividades, não sei se foi pelo fato de ser o PROEJA, ser reduzido o tempo, eu não sei, mas na minha opinião deveria ter cobrado mais dos alunos, mas os professores são excelentes. [...] Após o término do curso e do estágio, pesquisei antes outros cursos e me identifiquei muito com segurança do trabalho, que é o curso atual que estou fazendo.</p> <p>T.5 – [...] Me interessava já pela área rural, quando cheguei aqui, passei a conhecer mais a fundo, [...] a gente via na prática o que era dado na teoria, aí a gente poderia usar os conhecimentos de sala de aula, para ajudar o pessoal que não tinha este conhecimento. [...] Foram dois anos muito bons, aprendi muito, a turma era boa, os professores, cada um com o seu jeito próprio de ensinar, cada um explicava de uma forma que deixava ali sua marca, a gente lembrava do professor e já lembrava da explicação, não tinha como errar, quem se interessou pelo curso e prosseguiu, se deu bem, porque os professores não deixaram a desejar, eles levavam o curso do PROEJA igual ao outro curso Técnico em Agropecuária do CAT, não era porque era do PROEJA que era diferente, não, era o mesmo ensino, as mesma matéria, o mesmo trabalho, a mesma aula prática, foi muito bom. [...] Prossegui os estudos, [...] atualmente curso turismo na Universidade Estadual do Piauí.</p> <p>T.6 - O curso foi muito importante, na formação, mercado de trabalho, pois dava conhecimentos, onde eu desenvolvi bem no estágio. Com relação a metodologia dos professores foi ótima, o conteúdo foi passado direitinho, certinho, foi ótimo. [...] Atualmente eu não estou utilizando os conhecimentos do curso. [...] Após o término do curso não fiz nenhum curso.</p> <p>T.7 - Em termo do curso foi bom, eu só achava que deveria ter sido mais longo, pra gente pegar mais conhecimentos, eu acho que foi pouco tempo, a carga horária foi pequena, mas foi muito bom, eu aprendi muito coisa que não sabia, a gente saia para visitas quando tinha feiras agropecuárias, agente ia lá ver os tipos de raças de caprinos, bovinos, tudo em quanto, tudo a gente ia, via assim pessoalmente o que a gente só via na televisão. [...] O curso técnico Segurança no Trabalho eu fiz antes de curso Técnico em Agropecuária penso em fazer agora um superior em Serviço Social, pois já tenho o ensino médio, técnico e agora eu quero me qualificar num curso superior.</p> <p>T.8 - O curso foi muito bom, [...] só agradecer o curso e os profissionais, os professores foram bons demais, atenciosos, explicava bem, muito bom, a crítica é só com a carga horária que foi pequena, o conteúdo era reduzido, tive aulas práticas, visitamos uma fazenda, conhecemos as raças e identificamos os animais, foi muito bom. [...] Depois desse curso, não fiz nenhum curso, quando terminei comecei logo a trabalhar e no horário noturno, não tinha como fazer outro curso.</p>
--	--	---

	<p>SUBEIXOS</p> <p>3.1 INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO</p>	<p>T.1 – No momento ainda não estou, mas, estou aguardando proposta. Espero que consiga emprego pela competência. [...] Necessariamente estou num sítio trabalhando como administrador, o conhecimento adquirido me influenciou bastante.</p> <p>T.2 – [...] É um patamar que cada dia aumenta, como por exemplo, quando terminei o curso, fiz estágio na Prefeitura, [...] no momento eu não estou trabalhando, estou parada, mas eu estava no mês anterior, tava dando a disciplina horticultura como monitora, com bastante alunos jovens, com muita dificuldades por que eles não gostam da área, mas mesmo assim eu mudava de dinâmica com eles para continuar, enfim foi isso, eu só tenha que agradecer o curso. O governo deveria criar mais área de trabalho no setor de agropecuária, para dar mais oportunidades para o pessoal que está formado. O estado abre concurso em várias áreas, mas não abre na área da agropecuária, e isto é errado.</p> <p>T.3 – O curso, [...] ele representa para mim uma oportunidade de um emprego melhor, de um emprego, [...] Espero no futuro poder participar de um concurso e conseguir um emprego, visto que no momento eu não estou trabalhando no mercado, aqui no Piauí é um pouco difícil, para esta área, então assim a gente espera que no futuro venha ter concurso.</p> <p>T.4 – [...],Falta espaço no mercado de trabalho, que deveria ter mais para as pessoas botar em prática todos os seus conhecimentos. No momento eu me encontro preparada para o mercado de trabalho, porque quando você entra numa coisa, você entra par se dedicar, [...] com relação ao curso eu me identifiquei, eu gostei muito, que na verdade é um aprendizado para mim, mas não me vejo muito trabalhando na área.</p> <p>T.5 - A perspectiva era realmente de trabalhar na área, tive oportunidade no estágio, foi proporcionado, passei seis meses, tempo muito bom, diretamente ligado às hortas daqui de Teresina. [...]. No momento não estou no mercado de trabalho na área do curso Técnico em Agropecuária, mas pretendo.</p> <p>T.6 - No momento não estou no mercado de trabalho na área do curso, estou no mercado em outra área, trabalhando no setor de serviços gerais, o curso não influenciou na área que trabalho. No momento o curso não representa nada para mim, pois não estou na área de trabalho do curso, espero que no futuro ele represente bastante par mim, [...] pois, estou preparado para o mercado de trabalho. [...] As críticas é que no momento o mercado de trabalho está em falta, está dando pouca oportunidade.</p> <p>T.7 - Estou no mercado de trabalho, sim, não necessariamente na área de agropecuária, estou trabalhando [...] em uma escola na área de gestão, através de outro curso técnico, Segurança no Trabalho. [...]. No meu emprego eu não utilizo os conhecimentos do curso, [...] trabalho somente na área administrativa. [...] Eu espero que futuramente, quem sabe, se tiver oportunidade, quanto mais você tiver preparado para o mercado de trabalho, melhor para você, você deve sempre estar fazendo curso, adquirindo novos conhecimentos, por que qualquer área que aparecer, você esta preparado.</p> <p>T.8 - Foi muito bom, quando concorri no meu emprego, tem gente que passa mais de 20 a 30 dias para ser chamado, eu com uma semana fui chamado, eu acho que fui chamado devido o curso técnico que apresentei.</p>
	<p>3.2 A PRÁTICA PROFISSIONAL DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA</p>	<p>T.1 - Necessariamente estou num sítio trabalhando como administrador, o conhecimento adquirido me influenciou bastante.</p> <p>T.2 – [...] Eu tenha uma mine horta que eu planto um pouco de cada coisa, e também eu tenho colocado como experiência,</p>

		<p>como por exemplo, tem pimenta que coloco para germinar com quatro e cinco cores, fico observando as mudanças, isto que tenho levado no meu dia a dia, para que não possa esquecer os meus conhecimentos que coloco na prática.</p> <p>T.3 - Não estou usando, eu também poderia fazer alguma coisa em casa, poderia fazer uma pequena plantação de hortaliças, só que neste momento eu não estou fazendo uso do que eu aprendi no curso.</p> <p>T.4 - Na verdade, profissionalmente eu não utilizo esses conhecimentos, eu utilizo mais pessoalmente, todo curso que você faz você guarda para se, os conhecimentos para utilizar no seu dia a dia.</p> <p>T.5 - Muitas vezes estou em rodas de amigos, principalmente acontece quando estou no interior, ai ficam falando sobre alguns termos técnicos que eles usam, que eu passei a aprender aqui, ai quando chego lá não fico tão por fora do assunto, eu sei do que se trata, lembro das aulas e isto me ajuda muito até hoje, até mesmo em sala de aula do curso de turismo. [...] Utilizo na vida pessoal, como já foi ressaltado, quando falam de pragas ou de agrotóxicos, já sei do que se trata, para que serve, aconselho a diminuir na quantidade que está sendo usado, para não vim a fazer malefícios para o pessoal que usam.</p> <p>T.6 - Na área do curso o conhecimento que a gente sabe, já pode estar ajudando o próximo. Profissionalmente eu não estou utilizando os conhecimentos do curso.</p> <p>T.7 - É muito importante, você aprendeu vários tipos de técnicas, a cada tipo de matéria que você via, porque se divide em muitos módulos, ai você vê muitas coisas que você não sabia, ficou o conhecimento que é importante no seu dia a dia, [...] minha mãe tem horta, eu já posso estar orientando ela, como lidar, o que fazer, os produtos que tem que usar, os que não podem usar, os produtos químicos em verduras, muitas coisas, tudo que tem que fazer nas hortas.</p> <p>T.8 - [...] Na horta eu fazia rotação de cultura para oxigenar mais o solo, orientava na aplicação de defensivos agrícolas, mas se alguém precisar de mim, tenho condições de orientar.</p>
--	--	---

ANEXO(S)



ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Colégio Agrícola de Teresina (CAT), Campos da Socopo, Teresina - Piauí, Brasil.
CEP: 64049-550 Telefone: (86) 32155694

AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, José Bento Carvalho Reis, Diretor do Colégio Agrícola de Teresina – CAT, vinculado à Universidade Federal do Piauí – UFPI, autorizo a realização da pesquisa intitulada “A Formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina e a inserção no mercado de trabalho”, de responsabilidade da pesquisadora Maria da Glória Soares Barbosa Lima e cujo objetivo geral é analisar a formação Técnica em Agropecuária, na modalidade EJA, no Colégio Agrícola de Teresina e sua contribuição para inserção dos egressos ao mercado de trabalho.

Teresina, 26 de junho de 2012

José Bento Carvalho Reis

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UFPI – Colégio Agrícola de Teresina (CAT) – Campos da Socopo
Telefone: 86 31155694 CEP: 64049-550 Teresina-PI

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: A Formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina e a inserção no mercado de trabalho.

Pesquisador responsável: Maria da Glória Soares Barbosa Lima

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/ Centro de Ciências da Educação

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (86)

Pesquisador participante: Martinho de Souza Rêgo

Telefones para contato: (86)8831-3872

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) para participar, de forma totalmente **voluntário (a)**, em uma pesquisa. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Após ser **esclarecido(a)** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Objetivo do estudo: Analisar a formação Técnica em Agropecuária, na modalidade EJA, no Colégio Agrícola de Teresina e sua contribuição para inserção dos egressos ao mercado de trabalho.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas do formulário, que abordam questões sobre: a formação técnica em agropecuária na modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina; o quantitativo de egressos que se encontram atuando no mercado de trabalho, ressaltando os possíveis desafios encontrados nessa inserção, e a importância do Curso Técnico em Agropecuária na modalidade EJA para a vida profissional dos egressos. A entrevista será gravada e o que você disser será registrado para posterior estudo.

Benefícios. Não há benefício direto para o participante. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, na perspectiva de que os resultados do estudo venham sinalizar a realizações de ações futuras no que diz respeito à política pública de implantação e execução do PROEJA no CAT.

Riscos. A participação nessa pesquisa não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Garantia de Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação.

Eu _____, RG nº _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa: A Formação Técnica em Agropecuária na modalidade EJA no Colégio Agrícola de Teresina e a inserção no mercado de trabalho. Tive pleno conhecimento das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa citada. Concordo, voluntariamente, em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o processo. A

Teresina, _____ de _____ de 2012

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro
Ininga
Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI
tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/cep